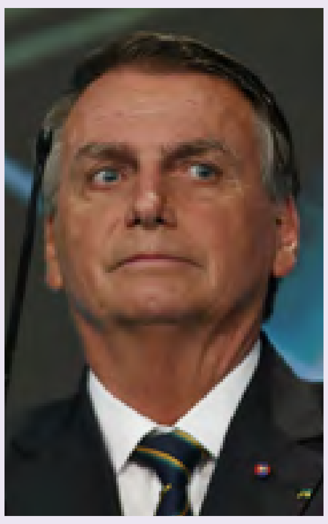
Agora, os atacados foram os nordestinos

“O genocida disse que não gosta de vocês”, reage Lula

AFP



Falso cristão confunde “Círio” de Nazaré com “Sírio” de Nazaré

“Sírio é quem nasce na Síria”, rebateu Flávio Dino. “Nada conhece da fé cristã e nunca leu a Bíblia”, escreveu o ex-governador. A arquidiocese de Belém também protestou contra o uso político do evento e o povo vaiou a tentativa de manipulação do ato religioso por Jair Bolsonaro, em Belém, durante o Círio de Nazaré, considerada a maior festa religiosa católica do Brasil. **Página 3**

Fascismo expõe o seu ódio às mulheres, aos pobres, aos estudantes

Eu “queria saber quem aqui tem algum parente nordestino. O genocida disse que não gosta de vocês. Quem tem uma gota de sangue do Nordeste não vota nele”, afirmou Lula, em solidariedade aos que foram xingados de “analfabetos”, “miseráveis”, “famintos” por Bolsonaro e seguidores. “Além de ser brasileiro sou nordestino e nós conseguimos provar que é possível melhorar esse país”, disse, na caminhada em Campinas. “Ontem a senadora Simone fez uma proposta, ela quer que o ensino médio vire profissionalizante. Vamos garantir isso para a juventude”, assegurou. **Pág. 3**

HORA DO POVO

ANO XXXII - Nº 3.877 12 a 18 de Outubro de 2022

Ricardo Stuckert

O ex-presidente Lula fez uma caminhada pelas ruas de Campinas, interior de SP

Vendas do comércio varejista caem pelo terceiro mês seguido

Pelo terceiro mês seguido as vendas do comércio varejista brasileiro caíram no ano puxadas pela inflação e os elevados juros que aceleram o endividamento das famílias. O volume de vendas do comércio varejista ampliado acumula até agosto queda de 2,0%. De acordo com os números divulgados pelo IBGE na sexta-feira (7), em agosto, a queda foi de -0,6% frente julho, após a redução de -0,8 e de -2% nos meses anteriores. Assim, o setor acumula, no ano, queda nas vendas de -0,8% e retração de -2,0% nos últimos 12 meses. **Página 2**

1 REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Comendo poeira: EUA abre guerra ilegal contra os chips chineses

“A politização e armamento de questões de tecnologia e comércio pelos EUA não impedirão o desenvolvimento tecnológico da China”, afirmou a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês. **Pág. 7**

Ataque à ponte da Criméia é ato terrorista de Kiev, denuncia Rússia

O ataque à ponte que liga a península da Crimeia ao território terrestre da Rússia foi ordenado, planejado e realizado pelos serviços especiais da Ucrânia, afirmou Vladimir Putin. **Pág. 6**

Ricardo Stuckert

Simone, Ciro, FH criam onda democrática em apoio a Lula

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se encontrou com ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), na capital paulista, na sexta-feira (7). O encontro aconteceu na casa de FHC. Nas redes sociais, Lula divulgou a reunião com uma foto dos dois e uma legenda: “Um reencontro democrático com @presidentefhc”. Os ex-candidatos Ciro Gomes e Simone Tebet, além de Moreira Franco, Amazonino Mendes, José Serra, Aloysio Nunes Ferreira, José Aníbal, Tasso Jereissati, Pimenta da Veiga, Teotônio Vilela Filho, Celso Lafer, José Carlos Dias, José Gregori, Aloysio Nunes Ferreira, Pedro Malan também se somaram à Lula contra o fascismo. **Página 3**

Nilson: ‘Pacote de Bolsonaro é menos indústria, juro alto e fome’

A retomada da economia bolsonarista é “fogo em palha de milho”, diz o professor Nilson Araújo de Souza, lembrando que “esses pacotes reeleitoreiros se extinguem em dezembro”. Em entrevista exclusiva para o HP, o professor Nilson, doutor em economia, membro da Comissão Política do PCdoB, avalia que Bolsonaro, ao praticar juros altos, provoca a “desindustrialização da economia: E com a indústria vai-se também o emprego”. **Página 2**

Pressão faz governo recuar de cortes na Universidade

Pág. 5

HP 12 A 18 DE OUTUBRO DE 2022

Nilson: "pacote de Bolsonaro é juro alto, desindustrialização e fome"

Foto: HP

"A queda da inflação é artificial e, portanto, não há nenhuma garantia de que persistirá", afirma o economista Nilson Araújo de Souza

Retomada da economia bolsonarista é "fogo em palha de milho", diz o professor, lembrando que "esses pacotes reeleitoreiros se extinguem em dezembro"

Em entrevista exclusiva para o HP, o professor Nilson Araújo de Souza, doutor em economia, membro da Comissão Política do PCdoB, afirmou que a retomada da economia bolsonarista é "fogo em palha de milho". O professor ressaltou que "esses pacotes reeleitoreiros se extinguem em dezembro".

Nilson considera que Bolsonaro ao "praticar juros altos na suposição de combater a inflação (13,75%, em setembro), atrai capital especulativo externo, aumentando a oferta de dólares, provocando a valorização da nossa moeda, barateando assim as mercadorias importadas. Mas os efeitos colaterais quebram a indústria nacional, promovendo a desindustrialização da economia: E com a indústria vai-se também o emprego".

Para o professor, "essa elevada taxa da Selic (juros básicos praticados pelo Banco Central), se descontada a inflação, está entre as maiores do mundo. Esses R$ 719 bilhões (que serão gastos com juros em 2022) são recursos surrupiados ao investimento público e ao bem-estar da população".

Avalia que o pacote reeleitoreiro implicará em despesa extra para o Tesouro de R$ 160 bilhões. Nilson considera que "(as empresas) estão aumentando a produção pela ocupação de capacidade ociosa. Como a maioria dessas medidas se encerra em dezembro, a tendência é a economia desabar de novo", afirmou.

Para o dirigente do PCdoB, "a redução do ICMS dos combustíveis sacrificou severamente as finanças dos Estados e, portanto, seus compromissos inarredáveis com educação e saúde", e o corte na Educação de R$ 3 bilhões vai literalmente parar as universidades federais.

Nilson propõe a recomposição da Petrobras, "o desarme da armadilha da política econômica ancorada nos juros altos, na valorização da moeda e no superavit primário" e a extinção do teto de gastos. "Sem isso, não sobrarão recursos para investimento ou para os programas sociais", asseverou. Propõe "uma política arrojada de recuperação do salário mínimo com a criação de um programa que resolva a questão da dívida que mantém cerca de 63 milhões de pessoas no Serasa (aceitando a proposta do Ciro Gomes)".

Para ele, retomar o investimento público é fundamental. "Há cerca de 14 mil obras de infraestrutura paradas no país" [...] "simultaneamente, lançar um programa de obras estratégicas, como ferrovia, metrô, habitação e saneamento básico". Em sua opinião, "não se iria muito longe se não se deflagrasse o processo de reindustrialização, a começar pelo complexo industrial da saúde".

Segundo o professor, o combate à fome e à miséria extrema não pode esperar um minuto sequer. 'São 33 milhões de irmãos e irmãs nossas passando fome, sendo que 125,2 milhões com algum grau de insuficiência alimentar. Para isso, manter os 600 reais do Bolsa Família rebatizado e iniciar um programa de renda mínima, retomando ao mesmo tempo o programa de estoques reguladores de alimentos e a "nacionalização" do preço dos combustíveis".

Depois do aperitivo, vamos ao principal.

CARLOS PEREIRA

HP - Bolsonaro está anunciando a reanimação da economia: queda do desemprego e da inflação. Qual a consistência dessa predição?

NILSON ARAÚJO – Fogo em palha de milho. Não chega a ser voo de galinha. O essencial da política econômica de Bolsonaro-Guedes tende a empurrar a economia para baixo.

Juros elevados, entre os mais altos do mundo, onerando o Tesouro nacional e comprometendo o investimento público, além de sacrificar o capital do setor produtivo com o aumento dos encargos financeiros; corte do investimento público, acarretando a redução também do investimento privado, à medida que aquele investimento tem sido a principal alavanca do desenvolvimento econômico no Brasil e no resto do mundo; redução do salário real dos trabalhadores, o que estrangula o mercado interno; ausência de um horizonte de médio e longo prazo que pudesse orientar os investimentos privados.

Por tudo isso, era para a economia não crescer nada. Qual foi o pulo do gato? Segundo estimativa feita por economistas, o pacote reeleitoreiro implicará em despesa extra para o Tesouro entre R$ 160 bilhões e R$ 200 bilhões, a maior parte disso a ser desembolsada ainda neste ano. Digamos que a parte que se está gastando até o final deste ano seja de R$ 160 bilhões. Isso significa 1,8% do PIB do país, que é de R$ 8,7 trilhões.

Além disso, as empresas em crise há vários anos estão com capacidade ociosa. De acordo com artigo publicado no Valor Econômico por Alessandra Saraiva, "de janeiro de 2010 a dezembro de 2019, a média histórica do Nuci [índice de utilização de capacidade instalada] da indústria brasileira era de 78,8% e, nos últimos dois anos, de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, o uso de capacidade ficou, em média, em 76,2%", ou seja, a utilização da capacidade instalada da indústria já era baixa antes e piorou no atual governo; mesmo depois de normalizadas as atividades, que haviam despencado devido à Pandemia, os índices continuaram baixos – e, portanto, a capacidade ociosa tem sido elevada: 21,2% no primeiro período e 23,8% no segundo. A injeção de dinheiro em circulação reforça o mercado interno e as empresas, sem gastar nada com investimento, estão aumentando a produção pela ocupação de capacidade ociosa. Como a maior parte dessas medidas se encerra em dezembro, a tendência é a economia desabar de novo. Mas isso poderá ser evitado, porque, ganhando as eleições, o presidente Lula tende a deflagar imediatamente as medidas de reconstrução nacional.

INFLAÇÃO

"A queda da inflação é artificial e, portanto, não há nenhuma garantia de que persistirá. O governo, em lugar de atacar as causas da inflação, saiu pela tangente, impondo aos governadores a redução do ICMS dos combustíveis"

A queda da inflação é artificial e, portanto, não há nenhuma garantia de que persistirá. O governo, em lugar de atacar as causas da inflação, saiu pela tangente, impondo aos governadores a redução do ICMS dos combustíveis. Isso reduz substancialmente o custo dos combustíveis e, por conseguinte, seu preço. Mas essa medida, que sacrificou severamente as finanças dos Estados e, portanto, seus compromissos inarredáveis com educação e saúde, só tem vigência até o final do ano. As causas da inflação atual, expressando um "choque de oferta", já estão mais do que determinadas:

1) Uma política de alimentos que não faz estoques reguladores, como há décadas se vinha fazendo, e, ao contrário, se exporta essa produção. Com estoques reguladores, o governo poderia liberá-los durante a entressafra, bloqueando assim a pressão altista sobre os preços;

2) uma política de combustíveis que exporta petróleo bruto e importa os derivados, cotados em dólar. Assim, qualquer mexida no dólar ou no preço internacional do petróleo afeta os preços dos combustíveis aqui no país. O Brasil é mais do que autossuficiente em petróleo; se a parcela da produção que abastece o mercado interno fosse toda refinada aqui, não haveria porque os preços internos serem referenciados no dólar. E há capacidade de refino que praticamente atende ao mercado interno;

3) desorganização da cadeia mundial de suprimentos, dada a maneira atabalhoada como distintos governos e distintos setores tentaram emergir da crise.

JUROS

Nada disso se combate com elevação de taxa de juros. Como isso (o juro) vai bloquear a escassez de oferta de alimentos devido ao fato de haverem sido exportados e se deixou de fazer o estoque regulador? Como isso vai afetar o preço do combustível devido ao passeio pelo exterior que dá o petróleo produzido aqui? Como isso vai afetar a desorganização da cadeia mundial de suprimentos, que leva à escassez de determinadas matérias primas e bens intermediários?sários que têm recursos próprios deixam de investir na produção para aplicar no mercado financeiro e os que não o têm estão impossibilitados de tomar empréstimos a esse custo proibitivo; 3) provocam a desindustrialização da economia.

Leia a íntegra da entrevista no stie do HP: https://horadopovo.com.br/nilson-araujo-pacote-de-bolsonaro-e-juro-alto-desindustrializacao-e-fome/

Foto:Reprodução

Economista e professor da FGV,, colaborou com a campanha de Ciro Gomes

Os caminhos para a retomada do desenvolvimento, por Nelson Marconi

"Deixar de ser refém do mercado financeiro, baixar os juros, renegociar dívidas das pessoas e empresas, acabar com o teto de gastos, fazer a reforma tributária e retomar os investimentos", defende o economista

Depois que o ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes (PDT) declarou seu apoio a Lula no segundo turno das eleições e disse que vai cobrar por avanços, o seu assessor econômico, o professor de economia de FGV, Nelson Marconi, afirmou em entrevista ao HP que a política de Bolsonaro seria sinônimo de mais privatizações e mais desmonte do Estado.

Na ocasião, ele afirmou que "caso Bolsonaro permaneça no governo, a sua política econômica tende a acentuar seu caráter liberal, tentando acelerar o processo de privatizações e reduzindo o tamanho do Estado na economia."

Neste sábado (8), em novas declarações ao HP, o economista detalha alguns pontos que ele considera essenciais para que um novo governo possa retomar o crescimento, com investimentos na indústria e com a criação de empregos.

Ele considera que vários pontos levantados no programa do ex-governador Ciro Gomes (PDT), se forem implementados, podem contribuir bastante para a retomada dos investimentos e do desenvolvimento e para a criação de empregos que tanto o país necessita.

"Em primeiro lugar", diz Nelson Marconi, "é necessária uma reforma tributária que diminua a taxação sobre a produção e aumente proporcionalmente sobre os mais ricos". O economista argumentou a importância da criação de um imposto sobre grandes fortunas e disse que "é necessária também e a tributação sobre lucros e dividendos".

Na opinião do economista, o parasitismo imposto pelo sistema financeiro impede a produção de bens e serviços. Ele defendeu alternativas para a retomada dos investimentos produtivos no país. "Com as medidas que sugerimos acima", destacou o professor da FGV, "teremos um verdadeiro ajuste fiscal". "O governo deixa de ficar refém do mercado financeiro e reduz definitivamente a taxa de juros", avaliou.

Marconi argumenta que, com essas decisões de política econômica, "a taxa de câmbio deixa de se apreciar", medida considerada fundamental para aumentar a competitividade das empresas nacionais e a produção interna. "Além disso", prossegue o economista, "temos que renegociar as dívidas de famílias e empresas para melhorar a renda e a capacidade de investimento e consumo".

Para o assessor econômico de Ciro Gomes, "o investimento deve ser retomado, inicialmente a partir das obras paradas e das concessões de saneamento e energia".

Nelson Marconi destaca ainda que as medidas monetárias do governo Bolsonaro, como a elevação de juros, não resolvem nada e só agravam a situação. "O controle da inflação deve incluir no radar as pressões de custos e não apenas de demanda", afirmou o economista. "A política de preços da Petrobrás, especialmente, deve mudar", prosseguiu o especialista.

Ele destacou também que o país precisa implementar um programa de renda mínima e aprovar uma lei antiganância. "Temos também que mudar a regra de controle dos gastos. Não podemos continuar com o teto de gastos atual. Senão, não haverá investimento em Educação ou Saúde", argumentou.

Falências decretadas aumentam 9%

O número de falências decretadas, no acumulado de janeiro a agosto deste ano, aumentaram 9% em relação ao mesmo período de 2021. São 474 empresas que foram "ao chão" contra 435 no ano passado. O dado representa um aumento das falências decretadas no mesmo período em 2020, ou 467 delas (1,5%), segundo levantamento da Serasa Experian.

Com a economia estagnada, num cenário de juros e inflação elevados, a inadimplência explodiu em agosto, atingindo 6,2 milhões de empresas, contrariando a afirmação de Jair Bolsonaro de que a economia está "bombando".

Segundo a Serasa, o avanço no volume de empresas inadimplentes tem sido o principal indicador dessa deterioração dos negócios, atingindo principalmente micro, pequenas e médias empresas – as que mais empregam no país. Por outro lado, 67 milhões de brasileiros estão inadimplentes, com a renda arrochada, milhões no trabalho precário ou vivendo de bico.

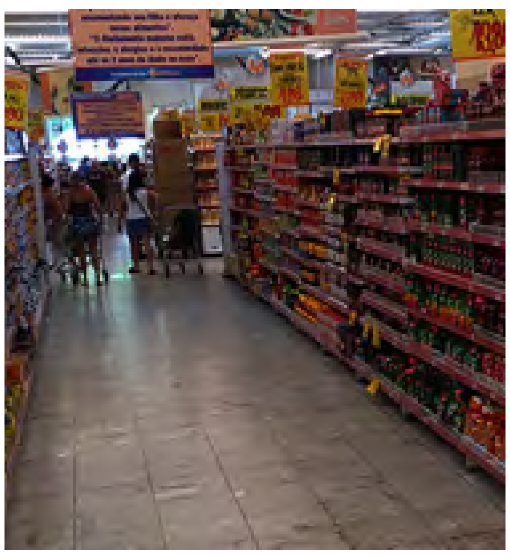
Do total das 474 empresas fechadas, 336 são micro e pequenas empresas; 110 médias empresas e 28 grandes empresas.

"Em agosto, eram 6,2 milhões de empresas com contas negativadas contra 5,8 milhões um ano antes, para um total de 22 milhões de CNPJs ativos no país. Mesmo que as falências até caiam, se esse número sobe, para nós é um sinal de alerta", diz Luiz Rabi, economista da Serasa.

No Brasil, um por cento das empresas privadas são consideradas de médio porte, o que significa um universo de 67 mil negócios. Os números falam por si sobre a relevância da média empresa. Elas são responsáveis por 20% dos empregos e 25% da massa salarial interna. O aumento de falência das médias empresas no acumulado do ano até agosto em relação ao mesmo período do ano passado foi de 45% (de 76 para 110).

"Esse cenário deve continuar desta forma no ano que vem pelo quadro atual de incerteza econômica", avaliou Laura Bumachar, advogada na área de recuperação judicial e arbitragem do escritório Dias Carneiro. "O atual ambiente de insegurança sobre a atividade econômica e o dinheiro caro, com a escalada da taxa Selic, não contribuem para se ter linhas competitivas ou para se a busca de sócios abertos a alguma parceria".

Foto: Helena Pontes/Agência IBGE



Vendas no comércio caem pelo 3º mês seguido, diz IBGE

Pelo terceiro mês seguido as vendas do comércio varejista brasileiro caíram no ano puxada pela inflação e os elevados juros que aceleram o endividamento das famílias, num ambiente de queda da renda do trabalhador – pressionada pelos elevados níveis de desemprego e a precarização do trabalho. De acordo com os números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta sexta-feira (7), em agosto, o volume de venda do comércio varejista na sua modalidade ampliada recuou -0,6% frente julho, após quedas de -0,8 e de -2% nos meses anteriores. Assim, o setor acumula, no ano, queda nas vendas de -0,8% e retração de -2,0% nos últimos 12 meses.

As vendas do varejo simples, que desconsidera as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, também ficou em baixa em agosto, -0,1% frente a julho e acumula em três meses uma queda de 2,5%. Nos últimos doze meses, a queda é de -1,4%, com variações negativas superiores a dois dígitos nas vendas de eletrodomésticos (-15,14%) e móveis (-12,5%). Destaque-se ainda, as vendas de Hiper e supermercados, que figuraram em queda de -0,5% no período.

Em agosto, 4 das 10 atividades sondadas pelo IBGE apresentaram queda: Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-1,2%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-1,4%), Material de construção (-0,8%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (-0,3%). Como ponto frustrante, o IBGE destacou também as vendas de supermercados, com variação positiva de apenas 0,2% frente a julho.

"Este mês, ficou muito clara a participação da atividade de Hiper e supermercados como fator âncora, segurando a variação muito próxima ao zero. A atividade pesa cerca de 50% no índice global. Artigos farmacêuticos, com -0,3%, também contribuiu em termos de peso para essa ancoragem", destacou o gerente da pesquisa, Cristiano Santos.

Do lado dos que tiveram resultados positivos ficaram: Combustíveis e lubrificantes (3,6%), Tecidos, vestuário e calçados: (13,0%), Móveis e eletrodomésticos (1,0%), Livros, jornais, revistas e papelaria (2,1%) e Veículos e motos, partes e peças (4,8%).

O fraco desempenho do comércio acompanhado da péssima atuação da indústria – que acumula no ano queda na sua produção de 1,3% e está 1,5% abaixo do patamar pré-pandemia (fevereiro de 2020) – são sintomas de que a economia brasileira não está nada bem, diferente do que o governo Bolsonaro tem afirmado em sua campanha. Estes setores dependem do consumo das famílias, que estão com seus orçamentos sufocados pela inflação dos preços dos alimentos e das demais despesas do dia a dia – na esteira em que os salários não conseguem completar o mês. Além disso, os juros altos estimulados pelos sucessivos aumentos da taxa básica de juros (Selic) pelo Banco Central inibiram o crédito e aceleram o endividamento das famílias e das empresas.

Como ressaltou o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) sobre as medidas do governo Bolsonaro às vésperas das eleições: "A despeito de todas as ações que o governo vem tomando para estimular o consumo das famílias em 2022, como liberação extraordinária do FGTS, antecipação de 13º salário de aposentados e pensionistas, e mais recentemente, aumento para até R$ 600 reais do valor do Auxílio Brasil, vale gás, vale caminhoneiro e vale taxista, bem como os cortes no ICMS, as vendas do comércio varejista, por ora, seguem no vermelho".

No Brasil, ainda, o desemprego atinge 9,7 milhões de pessoas. Outros 39,3 milhões de brasileiros estão na informalidade do trabalho, a maioria esmagadora vivendo de "bicos", ou seja, de atividades de baixa produtividade, jornada de trabalho excessiva e renda miserável.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio,67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

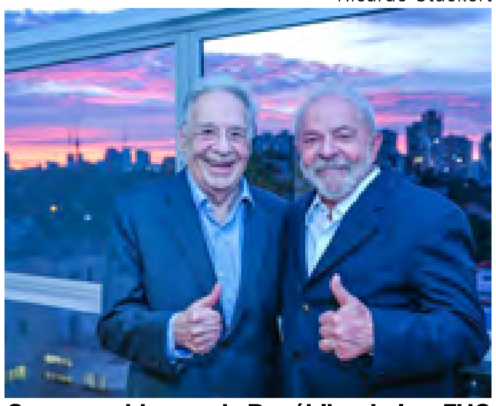
Editor-Geral: **Clóvis Monteiro Neto**
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

‘Ele disse que não gosta de vocês’, reagiu Lula em defesa do Nordeste

Ricardo Stuckert



Os ex-presidentes da República, Lula e FHC

Simone, Ciro, FH criam onda democrática em apoio a Lula

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) anunciou pelas redes sociais o seu apoio ao ex-presidente Lula, no segundo turno, “pela democracia e inclusão social” e derrotar Bolsonaro.

“Neste segundo turno voto por uma história de luta pela democracia e inclusão social. Voto em Luiz Inácio Lula da Silva”, publicou FHC em suas redes sociais.

A senadora Simone Tebet (MDB), ex-candidata à Presidência, realizou uma entrevista coletiva ao lado de Lula para reforçar seu apoio ao candidato no segundo turno e disse que o ex-presidente Lula tem voto“não só o meu, mas meu total empenho até o dia 30 de outubro”.

“Nós estamos reunidos porque o que nos une é o amor mais profundo ao Brasil, o nosso respeito incondicional à democracia e aos valores e princípios estabelecidos na Constituição”, disse Tebet.

“Esse não era um encontro agendado pela história, mas, sem dúvida nenhuma, é exigido por ela. Nós temos as nossas diferenças políticas e econômicas, mas elas são infinitamente menores do que o que nos une. O que está em jogo é algo muito maior”, apontou.

A senadora terminou a disputa presidencial em terceiro lugar, com 4,9 milhões de votos, representando 4,1% do total, e seus eleitores são considerados fundamentais para a vitória de Lula no segundo turno.

O ex-governador Ciro Gomes publicou um vídeo afirmando que vai apoiar Lula no segundo turno, seguindo a decisão de seu partido, o PDT.

“Acompanho a decisão do meu partido, o PDT. Frente às circunstâncias, é a última saída”, disse Ciro em mensagem a seus apoiadores.

“Espero que essa decisão ajude a oxigenar, temporariamente, que seja, a nossa democracia”, continuou.

A executiva nacional do PDT se reuniu na manhã de terça-feira (4) para discutir a posição do partido no segundo turno das eleições. Ciro informou que o apoio a Lula foi decidido “por unanimidade”.

O partido enviou para o PT quatro propostas da candidatura de Ciro para serem incorporadas por Lula. Carlos Lupi, presidente do PDT, disse que “derrotar Bolsonaro tem que ser uma causa nacional, uma causa da pátria, dos democratas”.

Além de FHC, Ciro e Simone, também declararam voto no ex-presidente Lula no segundo turno o ex-ministro Moreira Franco (MDB) e o ex-governador Amazonino Mendes (Cidadania).

Moreira Franco (MDB), ex-ministro e aliado do ex-presidente Michel Temer (MDB), declarou apoio no sábado (8), ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno.

O político fluminense, que já foi deputado federal, governador do Rio e prefeito de Niterói, deixou claro que defende a democracia e não aceita retrocessos. Pelo Twitter, ele afirmou que “mais que nunca, o Brasil precisa de democracia, desenvolvimento, empregos, renda e igualdade de oportunidades para todos”.

O ex-governador do Amazonas, Amazonino Mendes (Cidadania), divulgou um vídeo de apoio à candidatura do ex-presidente Lula, vencedor do primeiro turno das eleições presidenciais do último dia 2 de outubro. “Com entusiasmos cívico, aplaudo a candidatura do ex-presidente Lula”, disse Amazonino.

Ele destacou a possibilidade de uma aliança Amazônica envolvendo todos os estados da região, mas destacando o papel do trabalho conjunto com governador do Pará juntamente com o presidente Lula.

Reprodução

Meu adversário é a favor da tortura e da ditadura, denunciou o ex-presidente

Vexame: falso cristão confunde “Círio” de Nazaré com “Sírio” de Nazaré

A presença de Jair Bolsonaro em Belém, neste sábado, durante a Círio de Nazaré, maior festa religiosa da região, causou um grande mal-estar entre os paraenses. Primeiramente porque ele, como um falso religioso que é, demonstrou desconhecimento até mesmo do significado da palavra “Círio”.

Escreveu **Sírio** de Nazaré, ao invés de “**Círio** de Nazaré.” Em rede social, Bolsonaro compartilhou uma foto para mostrar a seus seguidores que estava em Belém, com a legenda “Sírio” de Nazaré.

O termo Círio vem da palavra “cereus”, que significa vela grande de cera, a principal oferta dos fiéis nas procissões em Portugal. Com o tempo, passou a ser sinônimo da procissão de Nazaré, em Belém, e de muitas outras do interior do Pará. Bolsonaro confundiu com Sírio, quem nasce na Síria.

O ex-governador, e agora senador eleito pelo Maranhão, Flávio Dino (PSB), criticou o desconhecimento religiosos revelado por Bolsonaro. “Falso cristão, Bolsonaro erra o nome do Círio de Nazaré e vira alvo nas redes”, disse Flávio Dino. “Sírio é quem nasce na Síria. É Círio de Nazaré. É que digo: é um falso religioso, que nada conhece da fé cristã e nunca leu a Bíblia”, escreveu o ex-governador.

O prefeito da cidade, Edmilson Rodrigues (PSOL), disse, em entrevista do UOL, que Bolsonaro ameaçou a “paz social e a tradição do Círio.” “Recebi com profundíssima indignação a tentativa do uso político da maior demonstração de fé do povo paraense. “A fé não pode ser sequestrada por uma candidatura à Presidência. Aliás, de um candidato que sequer é católico”, afirmou o prefeito, apesar de Bolsonaro se declarar católico. Após os protestos da igreja, Bolsonaro ficou isolado e não discursou, como pretendia. Ele estava acompanhado de deputados bolsonaristas.

Outro fato, denunciado, inclusive, pelo ex-presidente Lula, é o uso abusivo e ilegal da máquina pública para benefício próprio. Bolsonaro usou um navio da Marinha, a Corveta Garnier Sampaio, para acompanhar a romaria fluvial de Belém. Lula disse que, “desde o Marechal Deodoro da Fonseca, em 1889, até agora, nunca se viu um uso tão abusivo da máquina pública numa campanha eleitoral como estamos vendo agora.”

O governador do Pará, Helder Barbalho, o governador mais bem votado do Brasil, já havia alertado na sexta-feira (7), em entrevista à Globonews, que não gostaria que ocorresse com o Círio de Nazaré, o que ocorreu com a festa do Sete de Setembro, onde Bolsonaro sequestrou a festa cívica do país para fazer campanha eleitoreira. Tanto foi criminosa a atitude de Bolsonaro que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu que ele usasse as imagens do evento em sua campanha de televisão.

A Arquidiocese de Belém, no Pará, também mostrou preocupação com a manipulação da festa religiosa. Ela divulgou na noite dessa sexta-feira (7) uma nota oficial assinada pelo arcebispo Dom Alberto Taveira Corrêa, na qual afirma não ter feito convite ao presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição nas eleições deste ano, para participar do evento católico Círio de Nazaré.

“Tomamos conhecimento da presença do senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Corveta da Marinha Garnier Sampaio durante a Romaria Fluvial”, inicia nota da Arquidiocese de Belém, assinada por Dom Alberto Taveira Corrêa, arcebispo metropolitano de Belém. “Comunicamos não ter havido nenhum convite da parte da Arquidiocese de Belém, nem da Diretoria da Festa de Nazaré, a qualquer autoridade seja em nível municipal, estadual ou federal”, completa.

MULTIDÃO GRITA FORA BOLSONARO!

A arquidiocese finaliza afirmando que não veda a participação popular, mas que não permite utilização do evento para “caráter político”. “Temos o dever de observar a plena liberdade de qualquer cidadão ou cidadã de participar dos eventos do Círio de Nazaré. Todavia, não desejamos e nem permitimos qualquer utilização de caráter político ou partidário das atividades do Círio”, conclui o documento da arquidiocese.

“Precisamos formar nossa juventude, que está sem perspectiva de vida”, frisou Lula, em discurso na cidade de Campinas (SP)

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) participou no sábado (8) de uma caminhada em Campinas, no interior de São Paulo, onde manteve o tom de convocação para o povo continuar a ocupar as ruas de todo o país. O ato começou no Largo do Pará e foi encerrado com uma grande festa, onde Lula fez um discurso destacando que é preciso devolver a esperança de um futuro melhor para os jovens, com novas oportunidades de estudo e trabalho. “Precisamos formar nossa juventude, que está sem perspectiva de vida”, ponderou Lula. “Vamos fazer um debate, quero as universidades, os empresários, os trabalhadores participando, para a gente fazer uma revolução e encontrar emprego para essa juventude nesse famoso mundo digital, do qual tanto se fala mas que não conseguimos tirar dele o sustento necessário ao povo pobre”.

“Temos de ter clareza: não existe, na história da humanidade, nenhum país que se desenvolveu sem antes investir em educação e ciência e tecnologia”, esclareceu Lula, ao destacar que a formação dos jovens brasileiros será prioridade número um de seu governo. “Ontem a senadora Simone fez uma proposta, ela quer que o ensino médio vire profissionalizante. Vamos garantir isso para a juventude”, assegurou.

Lula homenageou o Dia do Nordestino, comemorado hoje, dizendo do orgulho de ser pernambucano. “Além de ser brasileiro sou nordestino e nós conseguimos provar que é possível melhorar esse país”, disse. Lula condenou o ataque de Bolsonaro ao povo da região e afirmou que os que têm origem no Nordeste não deveriam dar voto ao atual presidente. “Eu queria saber quem aqui tem algum parente nordestino. O genocida disse que não gosta de vocês. Quem tem uma gota de sangue do Nordeste não vota nele”.

Lula também criticou a intolerância religiosa e o uso indevido da máquina pública por Jair Bolsonaro (PL) no segundo turno da corrida nas eleições presidenciais.

“Nós estamos fazendo uma campanha numa certa anomalia, porque nós temos um cidadão que está exercendo a presidência que está utilizando a máquina do governo para fazer campanha. Ele está agindo como se o Brasil fosse coisa particular dele, em que ele faz do jeito que ele quer na medida em que ele tenta ganhar voto”, disse. Nesta semana, Bolsonaro usou o Palácio da Alvorada, residência oficial da presidência da República, para anunciar apoio de governadores, além de receber parlamentares de sua base política.

Acompanhado pelo ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), seu vice na chapa Coligação Brasil da Esperança, e por Fernando Haddad (PT), candidato ao governo de São Paulo, ele condenou a postura de Bolsonaro em relação às religiões. “A intolerância religiosa virou política de Estado no Brasil. E isso tem repercussões na violência.” O ex-presidente falou ainda sobre apoio de outras correntes políticas em defesa da democracia e comentou o “nervosismo” de Bolsonaro em declarações recentes.

“O caminho da volta à democracia é a nossa vitória nas eleições. Todos que brigaram pela democracia estão do meu lado. E aqueles que são favoráveis à ditadura e à tortura estão com o meu adversário. Estou muito tranquilo. Essa é a tranquilidade de quem sabe que vai ganhar as eleições. O meu adversário está esbravejando”, observou.

COLETIVA

Antes da caminhada, Lula concedeu uma entrevista coletiva. Ele falou da importância da grande frente democrática que foi formada em torno da chapa Lula-Alckmin. “Vamos ganhar porque a sociedade enxerga em nós a saída que o país precisa, enxerga um campo democrático que envolve toda a sociedade”, argumentou.

Lula lembrou que a luta democrática de hoje remonta a manifestações históricas como a luta pelo fim da ditadura e as Diretas Já!. “Todos que brigaram para reconquistar a democracia, todos os que estiveram no palco das Diretas estão comigo”, destacou.

Cartel do asfalto: TCU aponta fraude em licitações de R$ 1,13 bilhão da Codevasf

Técnicos do Tribunal de Contas da União (TCU) investigaram as licitações da Codevasf, vinculada ao governo federal, para asfaltamento e identificaram fraudes em 63 delas, somando R$ 1,13 bilhão.

Empresas organizaram um cartel, liderado pela empreiteira Engefort, para fraudar pregões eletrônicos e abocanhar o dinheiro vindo do governo federal via orçamento secreto.

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) é ligada ao Ministério do Desenvolvimento Regional e seu presidente, Marcelo Andrade Moreira Pinto, chegou ao cargo por uma acordo feito entre Jair Bolsonaro e o ex-líder do DEM na Câmara, Elmar Nascimento (BA).

O esquema criminoso agiu na sede da Codevasf, em Brasília, e em suas superintendências regionais, “representando um risco à própria gestão” da estatal, segundo os técnicos.

O TCU abriu uma auditoria sobre o caso depois das notícias veiculadas na imprensa que traziam informações sobre o esquema criminoso no governo. “Diante de tais notícias, em abril de 2022, avaliou-se a existência de indícios de fraude à licitação nos certames de pavimentação”, apontou o TCU.

Foram identificadas fraudes em 63 pregões para asfaltamento, somando um total de R$ 1,13 bilhão. A principal favorecida foi a Engefort, com mais de R$ 890 milhões.

Outras 27 empresas apresentaram propostas de fachada nas licitações, “apenas a cobrir a participação dessa empresa líder [Engefort], compondo o número de participantes dos certames a fim de dar aparência de concorrência”.

Além dessas, sete empresas participaram dos pregões “em troca de garantir a vitória em algumas poucas oportunidades”, como em um rodízio para receber dinheiro público.

Para os técnicos do TCU, 35 empresas participaram do cartel e fazem parte de um “grupo de risco”.

Eles citam a Del Construtora, que é administrada pelo irmão de um dos donos da Engefort. A Del participava das licitações que seriam vencidas pela Engefort apenas para dar um ar de legalidade.

“A ausência de funcionários, as estreitas relações com a Engefort, empresa que sempre participa das mesmas licitações, e a recusa em enviar propostas sempre que convocada indicam que a Construtora Del é utilizada para auxiliar a viabilidade de licitações”, afirmou o TCU.

O esquema criminoso usava propostas falsas para conseguir um desconto abaixo do considerado normal para os técnicos do TCU. A Engefort, nas 50 licitações que ganhou no ano passado, deu um desconto médio de 1%.

Em três anos de governo Bolsonaro, o desconto médio caiu de 24,5% para 5,32%.

O relatório do TCU mostra um caso em Minas Gerais e outro na Bahia em que se suspeita de fraude.

“Nas licitações de Montes Claros [MG] verificam-se indícios de divisão de lotes, onde a Engefort venceu seus lotes com descontos quase sempre inferiores a 1% e outra(s) empresa(s) que participou da disputa se sagrou vencedora de um ou dois outros lotes, sempre com desconto também muito baixo”, apontou o Tribunal.

Em Bom Jesus da Lapa (BA), “a Engefort se sagrou campeã de todos os lotes com descontos entre 0,6% e 1,5%, embora em todos os casos houvesse pelo menos outras três ou quatro empresas participando dos certames”.

O ministro do Tribunal de Contas da União, Jorge Oliveira, reconheceu que houve “elaboração de propostas fictícias, a supressão de propostas e a combinação de rodízio entre as empresas”.

“As questões trazidas pela equipe de fiscalização possuem inegável relevância e materialidade e merecem receber atenção”, comentou.

O indicado de Jair Bolsonaro, no entanto, ignorou o pedido da área técnica para a suspensão de novas licitações.

Sem apoio, Jair volta a atacar Simone Tebet, Ciro e Soraya

Jair Bolsonaro (PL) voltou a atacar ex-adversários na disputa presidencial que participaram do primeiro turno da eleição e que anunciaram apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

No domingo (9), ele hostilizou o ex-ministro e ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PDT) e a senadora Simone Tebet (MDB), que declararam apoio a Lula no segundo turno das eleições presidenciais.

A senadora Soraya Thronicke (União Brasil), que preferiu ficar neutra no segundo turno, também foi alvo de críticas ácidas.

“O Ciro, depois de tudo o que ele falou para o Lula, (dizer): ‘eu acompanho o partido?’”, afirmou Bolsonaro.

Sobre Simone Tebet, ele manteve os ataques. “Também. Ela criticou muito o Lula com verdades e de repente ela abre o apoio explícito para ele. E me acusa de ditador. Onde que eu sou ditador?”, declarou.

Com relação a Soraya, Thronicke, que foi sua apoiadora nas eleições de 2018 e agora decidiu não apoiar nenhum dos dois no segundo turno, ele aumentou o tom.

“Essa daí foi candidata ao Senado em 2018, eu tenho vídeo dela em sinal de trânsito: ‘sou a candidata do Bolsonaro, sou a senadora do Bolsonaro’. Nos santinhos dela, a senadora do Bolsonaro. Chegou, assumiu, advogada, não conhecia ela, viajou comigo para o Japão, mais algumas viagens, e depois me surpreendi. Ali com a metralhadora”, disparou.

Chantagem contra o Supremo visa reduzir a fiscalização de crimes de Bolsonaro & Cia

Jair Bolsonaro voltou a fazer o que fez durante todo o seu mandato. Ameaças ao Supremo Tribunal Federal e aos seus ministros.

Ele está fazendo isso porque foi o STF que o impediu de rasgar a Constituição, de atacar e sabotar as medidas dos governadores contra a Covid e a desmontar a conquista democrática da urna eletrônica. Sua trama golpista foi desmantelada pela Corte Suprema e é por isso que ele vive atacando e não perdoa os seus ministros.

O “mito” faz essas ameaças ao Supremo para tentar paralisar a fiscalização dos tribunais contra a sua fábrica clandestina de fake news e de suas agressões criminosas à oposição. Eles pretendiam que se fizesse um “pacto de silêncio”.

Bolsonaro poria fim aos seus ataques à Corte desde que os tribunais afrouxassem a fiscalização dos crimes eleitorais e que os inquéritos contra ele e seus familiares fossem arquivados.

Não foi nada disso o que aconteceu.

Durante as eleições, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) vem agindo corretamente e já mandou tirar de circulação centenas de fake news fabricadas no submundo das milícias bolsonaristas e do gabinete do ódio.

O ministro Alexandre de Moraes não se intimidou e prorrogou por mais noventa dias o inquérito que investiga as armações golpistas de Bolsonaro.

Portanto, essa discussão de que Bolsonaro poderia descartar uma suposta ideia de aumentar número de ministros do STF caso a Corte baixe um pouco a temperatura, não passa de conversa fiada. Até porque está longe de parecer que ele vá vencer a alta rejeição ao seu governo e consiga superar a vantagem de mais de seis milhões de votos de frente do ex-presidente Lula.

Ministros do Supremo afirmaram que essas declarações estão dentro da cartilha autoritária de Bolsonaro. Muito deles veem esses ataques como uma nova chantagem de Bolsonaro para que, se reeleito, o ministro Alexandre de Moraes arquive inquéritos que miram a família do presidente e aliados”.

É, sem dúvida, um ato de nervosismo diante de um futuro incerto. Ele está com medo do que pode sobrar para ele e sua família.

Desmatamento na Amazônia em setembro atinge recorde histórico

Acumulado de alertas de desmatamento em setembro de 2022 na Amazônia foi de 1.455 km², segundo o Inpe. Número equivale ao tamanho da cidade de São Paulo

No acumulado de 2022, as áreas de desmatamento já somam 8.590 km²

O acumulado de alertas de desmatamento em setembro de 2022 na Amazônia foi de 1.455 km², segundo dados divulgados nesta sexta-feira (7) pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). É o pior setembro da série histórica do Deter, que começou em 2015.

O número representa um crescimento de 47,7% em relação a setembro do ano passado e equivale ao tamanho da cidade de São Paulo em área. O segundo pior número da série foi registrado em 2019, no primeiro ano do governo Bolsonaro (PL). Na época, os alertas para setembro chegaram a 1.454 km².

No acumulado de 2022, as áreas de alerta de desmatamento já somam 8.590 km², um número 4,5% maior do que todos os alertas do ano passado.

Segundo o Observatório do Clima, o índice preocupa porque pode igualar ou até mesmo superar nos próximos três meses que restam do ano o recorde histórico de 2019 (9.178 km²).

Tudo isso num contexto de altos índices no começo do ano. Janeiro e fevereiro de 2022 acumularam recordes de desmatamento no Brasil, algo incomum, visto que estes são meses chuvosos na maioria dos estados que englobam o bioma, e as taxas de desmatamento são tipicamente menores durante esse período.

Os alertas de desmatamento foram feitos pelo Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), do Inpe, que produz sinais diários de alteração na cobertura florestal para áreas maiores que 3 hectares (0,03 km²), tanto para áreas totalmente desmatadas como para aquelas em processo de degradação florestal (exploração de madeira, mineração, queimadas e outras).

O Deter não é o dado oficial de desmatamento, mas alerta sobre onde o problema está acontecendo. A medição oficial do desmatamento, feita pelo sistema Prodes, costuma superar os alertas sinalizados pelo Deter.

1455 MOTIVOS PARA TIRAR BOLSONARO

Para o Observatório do Clima, Bolsonaro foi, afinal, o presidente que até hoje se orgulha em dizer que desmontou a fiscalização ambiental e que não demarcou "nenhum centímetro" de terra indígena.

O presidente que estimulou abertamente as invasões de garimpeiros às terras públicas na Amazônia, recusou-se a usar bilhões de reais em recursos internacionais para combater o desmatamento e promover o desenvolvimento sustentável da região e, por ação e omissão, deixou o crime organizado dominar um território que representa mais de metade do Brasil.

Irresponsável, inepto, paranoico e cruel, Bolsonaro destruiu a política ambiental e climática brasileira, o que isolou o país do mundo, impediu acordos comerciais e bloqueou investimentos. Prestou um desserviço ao agronegócio brasileiro, hoje visto com justa desconfiança no exterior, e fez a alegria dos países protecionistas que temem a competição com nossos produtores.

Colheu, como resultado de tudo isso, o primeiro ciclo de três altas seguidas nas taxas de desmatamento medidas pelo Inpe em um mesmo mandato presidencial – e pode estar a caminho de uma quarta. Tornou o Brasil um dos principais riscos climáticos do mundo, aumentando as emissões em pleno ano de pandemia.

"O mundo tem 84 meses para cortar as emissões de gases de efeito estufa quase à metade se quiser ter uma chance de resolver a crise climática. A continuidade de Jair Bolsonaro no poder é a garantia de que o Brasil impedirá que isso aconteça. Qualquer pessoa que se importe com o futuro da floresta, as vidas dos povos indígenas e a possibilidade de termos um planeta habitável deveria votar para eliminar Bolsonaro da Presidência no próximo dia 30", disse Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima.

Frigorífico da "picanha do mito" comete crime eleitoral e vende carne estragada, diz Procon

Haddad enfrentará Tarcísio de Freitas em SP

O Procon de Goiás determinou um prazo de dez dias a contar desta quarta-feira (5) para que o Frigorífico Goiás preste esclarecimentos sobre uma campanha lançada pelo estabelecimento, no domingo (2) para venda do quilo da "Picanha do Mito", que custaria R$ 129,99, por R$22.

Para ter o direito a comprar a "Picanha do Mito", uma alusão ao candidato Jair Bolsonaro (PL), o consumidor teria que comparecer ao local usando a camisa da Seleção Brasileira. A decisão provocou um grande tumulto em torno do estabelecimento, resultando na morte de uma mulher.

A ultrajante promoção, que configura flagrante crime eleitoral, foi interrompida no ato pela Justiça Eleitoral de Goiás e o Procon foi acionando. Para agravar a situação, após a fiscalização, o órgão de defesa do consumidor identificou quase 50 quilos do produto em situação imprópria para consumo.

A carne apreendida estava sem refrigeração e sem informações sobre a data da embalagem e o prazo de validade. No frigorífico, além das irregularidades identificadas na picanha, outros 5,5 kg de carne boi obtida de outra parte do animal, e 10 unidades de tempero e suco de laranja, estavam fora do prazo de validade. Os alimentos vencidos foram descartados no local.

O Procon considerou que houve abuso sobre o consumidor e pediu a relação dos preços normais dos produtos. A empresa poderá ser multada em valores que variam entre R$ 754 e R$ 11 milhões. O órgão ainda pediu as imagens das câmeras de segurança do estabelecimento feitas no último domingo, data da promoção.

Na terça-feira (4) o Ministério Público Federal pediu que a PF investigasse o estabelecimento mediante instauração de inquérito. A principal linha é apurar se houve crime eleitoral com o anúncio da promoção batizada pelo "mito" em pleno domingo de eleição. Além disso, pretende investigar possíveis crimes supostamente praticados pelos gestores que tenham resultado na tragédia noticiada.

Também foram solicitadas pelo órgão as imagens capturadas pelas câmeras de segurança do local durante a promoção, principalmente as do interior do estabelecimento.

Em entrevista ao portal G1, um especialista em justiça eleitoral, informou que o desconto de mais de R$ 100 no kg de picanha pode ser configurado como um "incentivo" ao eleitor votar em Bolsonaro.

"Pode ser um elemento para incentivar o voto. Claro que deve ser analisado, mas pode ser configurado crime de corrupção eleitoral", disse o especialista.

O quilo da picanha, um corte considerado de luxo, de uma carne nobre e pouco abundante na anatomia bovina – inacessível à maioria da população brasileira por seu elevado preço – estava sendo vendido pelo estabelecimento por R$ 22, enquanto que o preço médio nacional varia em torno de R$ 60.

Bolsonaro corta R$ 796 milhões da verba destinada a livros didáticos e ameaça 12 milhões de estudantes

Com o bloqueio de verbas do Ministério da Execução, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi atingido fazendo com que 12 milhões de alunos do 1º ao 5º do ensino fundamental possam ficar sem receber os materiais a tempo do começo do ano letivo em 2023.

O orçamento de R$ 2,2 bilhões do programa tem R$ 796,5 milhões bloqueados, de acordo com dados do Siga Brasil, do Senado Federal. Além disso, apenas R$32,3 milhões foram pagos e o empenho (efetivamente gastos) também é baixo, de R$ 271,6 milhões.

A baixa execução do PNLD somado ao corte que gerou a preocupação quanto à não entrega dos livros didáticos.

A finalização da compra, normalmente ocorre até o mês de novembro, que é a data limite para conseguir cumprir com o cronograma para entrega acontecer a tempo do início do ano letivo de 2023. Até o momento, em 25 de setembro foi feita a escolha dos livros que serão comprados e ainda é preciso negociar o preço, fechar os contratos, produzir 70 milhões de exemplares, embalar o material e entregar todos os exemplares nas escolas.

Em nota, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), responsável pela gestão do PNLD, confirmou que as contratações relativas ao atendimento do programa para 2023 ainda não aconteceram e estão previstas para acontecer já neste mês de outubro. Também informou que está "trabalhando juntamente com os Correios para que todos os prazos sejam cumpridos". O Ministério da Educação não respondeu aos questionamentos.

Os alunos de 1º a 5º ano, os anos iniciais do ensino fundamental, são os que vivem os maiores desafios pós-pandemia. Essas crianças estão tentando recuperar ou começando seu processo de alfabetização.

É exatamente nesta etapa que estão os estudantes com maior queda de aprendizagem na pandemia, segundo o Saeb. Em comparação com 2019, a porcentagem de crianças que ainda não sabem ler e escrever nem mesmo palavras isoladas mais do que dobrou em 2021. O índice subiu de 15% para 34%. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, o aluno deve terminar o segundo ano do ensino fundamental alfabetizado.

No total, são cerca de 70 milhões de exemplares de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física (este último, apenas para professores) que atendem 12 milhões de alunos de 84 mil escolas brasileiras.

Além do atraso dos livros, o PNLD também previa um material novo, chamado cadernos de acompanhamento de prática. Eles estavam previstos para serem comprados neste ano e chegarem em 2023 às aulas de aula. No entanto, o processo de escolha nem começou e, por isso, só deve ser utilizado pelos estudantes em 2024.

Governo reduz verba para tratamento da AIDS para garantir corrupção do orçamento secreto em 2023

Doze programas do Ministério da Saúde que cuidam da produção e distribui medicamentos para tratamento da AIDS, infecções sexualmente transmissíveis e hepatites virais no Brasil, foram duramente atingidos pelo corte de verbas promovido pelo governo Jair Bolsonaro (PL) para reservar dinheiro ao orçamento secreto em 2023.

Segundo informações do jornal O Estado de S. Paulo, foram perdidos R$ 407 milhões nessa área, se comparados os orçamentos propostos para 2022 e o ano que vem. Ao todo, doze programas teriam tido recursos afetados, somando uma quantia de R$ 3,3 bilhões.

O impacto, segundo documento do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) e da associação filantrópica Umane é diferente para cada programa afetado. No custeio de bolsas para residentes em medicina "Pró-Residência Médica e em Área Multiprofissional", por exemplo, o impacto foi de R$ 922 milhões.

O governo promoveu um corte linear de 60% nas despesas da Saúde, justamente após não vetar um dispositivo na Lei de Diretrizes Orçamentárias, que obrigava a reserva de R$ 19,4 bilhões a emendas do orçamento secreto.

Nas observações, foram levadas em consideração a correção da inflação por meio do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumulado até julho.

Todo esse dinheiro retirado da população brasileira será utilizado pelo Presidente da República em emendas do orçamento secreto, verba usada em negociações políticas entre o presidente, deputados e senadores.

O programa direcionado ao tratamento de doenças sexualmente transmissíveis faz parte da assistência farmacêutica no SUS. Conforme Boletim Epidemiológico Especial HIV/Aids de 2021, do Governo Federal, o Brasil registrou 13.501 casos da doença no ano passado. Em 2020, 10.417 pessoas morreram da doença e o número total de vítimas desde 1980 chegou a 291.695.

Nesta semana também foi revelado que recursos destinados a investimentos na prevenção e controle do câncer, a segunda doença que mais mata no Brasil, foram cortados pelo governo Jair Bolsonaro para acomodar os R$ 19,4 bilhões previstos para o orçamento secreto, passando de R$ 175 milhões para R$ 97 milhões, em 2023.

Confira a lista de programas que perderam verbas para o orçamento secreto:

- Implementação de Políticas de Promoção à Saúde e Atenção a Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) - R$ 3,8 milhões
- Programa Médicos pelo Brasil - R$ 366 milhões
- Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação em Saúde - R$ 297 milhões
- Alimentação e Nutrição para a Saúde - R$ 43 milhões
- Educação e Formação em Saúde - R$ 76 milhões
- Pró-Residência Médica e em Área Multiprofissional - R$ 922 milhões
- Sistemas de Tecnologia de Informação e Comunicação para a Saúde (e-Saúde) - R$ 206 milhões
- Implantação e Funcionamento da Saúde Digital e Telessaúde no SUS - R$ 26 milhões
- Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde Indígena e Estruturação de Unidades de Saúde e Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) para Atendimento à População Indígena - R$ 910 milhões
- Atenção à Saúde de Populações Ribeirinhas e de Áreas Remotas da Região Amazônica - R$ 10 milhões
- Atendimento à População para Prevenção, Controle e Tratamento de HIV/AIDS, outras Infecções Sexualmente Transmissíveis e Hepatites Virais Total - R$ 407 milhões
- Implementação de Políticas para a Rede Cegonha e Implementação de Políticas para Rede de Atenção Materno Infantil - R$ 28 milhões

Vídeo foi publicado após o 1º turno

OAB exonera advogada bolsonarista após fala contra os nordestinos

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Uberlândia (MG), José Eduardo Batista, notificou na noite desta quinta-feira (6) a exoneração da advogada Flávia Aparecida Rodrigues Moraes pelo órgão, por causa de xenofobia contra à população nordestina, propagada em um vídeo que circula nas redes sociais.

Na última quarta-feira (5), um vídeo da advogada Flavia Aparecida Moraes ofendendo nordestinos viralizou na internet. A advogada era vice-presidente da Comissão da Mulher Advogada da Ordem dos Advogados do Brasil em Uberlândia.

O vídeo foi publicado após o resultado do 1º turno das eleições presidenciais do Brasil em uma rede social e mostra a advogada falando: "não vai mais alimentar quem vive de migalhas", se referindo aos moradores da região Nordeste do Brasil.

Ela e mais duas mulheres fazem um brinde enquanto deixam claro que não irão mais àquela região turística do Brasil e que preferem gastar o dinheiro no Sul e Sudeste ou até fora do país.

"Vamos gastar o nosso dinheiro aqui no Sudeste, ou no Sul, ou fora do Brasil, que inclusive é muito mais barato. Um brinde a nós que deixamos de ser palhaças a partir de hoje", disse ainda a advogada.

Por conta dessas falas, a OAB Uberlândia optou por exonerar Flávia do cargo. Ela já havia pedido licença do posto após o vídeo circular nas redes sociais.

"Reiteramos que não compactuamos com os lamentáveis fatos veiculados nas redes sociais, nem com as expressões usadas pela advogada", declarou José Eduardo Batista.

Além disso, a Defensoria Pública de Minas Gerais propôs uma ação civil pública contra Flávia. O órgão pede que a advogada pague R$ 100 mil em danos morais.

Por meio de uma assessora de imprensa, ao portal G1 Flávia declarou, que se arrepende do que disse, mas que a conduta, embora reprovável, "não se encontra tipificada como crime em qualquer dispositivo legal vigente".

Em nota, a OAB Uberlândia afirmou que além da exoneração de Flávia, também determinou a abertura de processos éticos-disciplinares pelo Conselho de Ética e Disciplina da Subseção e pelo Tribunal de Ética Regional, em atenção aos pedidos de representação disciplinar protocoladas por advogados e autoridades de Uberlândia e região.

"Apresentamos nossas sinceras desculpas ao povo nordestino e em especial à advocacia nordestina e à advocacia brasileira pelas manifestações ofensivas da referida advogada, postadas nas redes sociais", informou o órgão em nota.

O defensor público Evaldo Gonçalves da Cunha, enviou uma nota à imprensa onde afirmou que a indenização será destinada a entidades de combate ao preconceito, racismo e xenofobia. A advogada também deverá se retratar das declarações pelas vias adequadas.

"A ré propaga falas preconceituosas e discriminatórias, causando um constrangimento ao povo nordestino de magnitude imensurável", destacou.

Ainda no texto da ação, a Defensoria Pública declara que o objetivo do processo é "o reconhecimento dos direitos de milhões de brasileiros nordestinos, sejam os lá residentes ou os que de lá se originam, de terem respeitada a sua identidade, como corolário da dignidade da pessoa humana".

O órgão salienta ainda que a advogada teria explicitamente incitado a discriminação do povo nordestino, o que configura o crime de "praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional".

Além disso, quando cometido em um meio de comunicação social, como a internet, a pena prevista para o crime é reclusão de dois a cinco anos e multa.

"Em que pese o direito de liberdade de expressão ser constitucionalmente garantido, tal direito não é absoluto e deve ser exercido em observância à proteção à dignidade da pessoa humana", aponta a ação.

Reitores reagem e governo recua de cortar vebas de universidades

Mobilizados pela UNE estudantes também preparam manifestações para garantir verba

Divulgação

Estudantes da UFBA em manifestação contra a tesoura de Bolsonaro

Após pressão de reitores, estudantes, parlamentares e entidades da ciência e educação, o ministro da Educação, Victor Godoy, anunciou, nesta sexta-feira (7), a devolução dos recursos subtraídos das universidades e institutos federais. No vídeo, Godoy diz que “o limite de empenho será liberado para as universidades federais, institutos federais e Capes”.

O corte de R$ 2,4 bilhões foi publicado por meio do Decreto 11.216, assinado pelo Ministério da Economia, Paulo Guedes, e por Jair Bolsonaro, e gerou reação em cadeia com mobilizações programadas por universidades de todo o país.

Para a União Nacional dos Estudantes (UNE), é uma “vitória dos estudantes”. “Recuaram em uma decisão que disseram nem existir”. “Seguiremos nas ruas pela recomposição do orçamento e para derrotar o governo inimigo da educação”, afirma a entidade.

Após o corte – que reduziria R$ 328 milhões dos recursos das universidades federais e R$ 147 dos institutos federais – a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) afirmou que as instituições teriam que cortar “no osso”, ficando sem condições para pagar contas básicas.

Essa é a segunda vez em quatro meses que o governo é forçado a recuar de um anúncio de cortes na pasta após forte reação da sociedade. Em junho, o governo Bolsonaro já havia feito um bloqueio de R$ 3,2 bilhões, aproximadamente 14,5% do orçamento total. Naquela ocasião, levou uma semana para a União desbloquear metade desse valor, também após pressão de reitores, estudantes e parlamentares ligados ao setor.

UNIVERSIDADES INVIABILIZADAS

Ainda na quarta-feira (5), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) divulgou um comunicado afirmando que se os cortes feitos pelo governo Bolsonaro no orçamento das universidades federais não forem revertidos, “provavelmente não teremos como continuar funcionando este ano”. Só no orçamento da UFRJ, o corte foi de cerca de R$ 18 milhões.

A UFRJ já vivia um momento crítico com seu orçamento. O orçamento previsto para 2022 estava defasado, com o total dos recursos reduzidos de R$ 329 milhões para R$ 306 milhões.

“Agora outros cerca de R$ 18 milhões foram bloqueados, causando o menor orçamento discricionário dos últimos dez anos, apesar da inflação e do aumento do número de estudantes nos mais de 170 cursos de graduação e do Complexo Hospitalar, que conta com nove unidades de saúde”, diz comunicado da universidade.

Para Eduardo Raupp, pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças, o cenário é dramático. “Nós tínhamos um orçamento que permitiria empenhar as despesas de setembro e parte de outubro. Além disso, seria possível planejar esses últimos meses e tentar pactuar com nossos fornecedores o funcionamento da UFRJ”, disse.

“Com esse último contingenciamento, não vai ser possível empenhar as despesas de setembro, nem parte das de outubro, o que antecipa os riscos de interrupção de serviços. Essa é a nossa grande preocupação neste momento. Se o bloqueio não for revertido, não teremos como continuar funcionando neste ano”, completou Eduardo Raupp.

REAÇÃO DOS DEPUTADOS

Após o anúncio do confisco das verbas da Educação, parlamentares também reagiram e apresentam Propostas de Decreto Legislativo (PDL) para reverter os recursos e garantir o funcionamento das instituições federais.

As deputadas Perpétua Almeida (PCdoB-AC) e Jandira Feghali (PCdoB-RJ) apresentaram dois Projetos de Decreto Legislativa (PDL) para sustar os efeitos do decreto 11.216. Para Perpétua, “o corte é criminoso, porque inviabiliza as universidades e institutos. Agora é fazer a luta na Câmara para aprovar os PDLs. Não podemos aceitar isso”, afirmou.

O deputado Alessandro Molon (PSB-RJ) também apresentou projeto contra o corte do orçamento da Educação. “Ao Poder Executivo não cabe a prerrogativa constitucional de alterar a destinação de recursos públicos, reservados pelo Congresso Nacional, às universidades e institutos federais para outras áreas, por conveniência política e, no caso atual, eleitoral”, disse o parlamentar no texto.

Reprodução/Twitter

“Seguiremos vigilantes contra a redução do orçamento das federais”, afirma Andifes

O presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e reitor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Marcelo Fonseca, comemorou o recuo do governo Bolsonaro de cortar mais de R$ 328 milhões do orçamento das universidades e institutos federais.

“Nós acabamos de receber, oficialmente, do Ministério da Educação a notícia de que aqueles contingenciamentos que foram impostos às universidades federais foram revertidos”. O governo chegou a negar que haveria cortes nas instituições federais de Educação.

Marcelo afirmou que a medida foi uma vitória, “mas quero dizer que estamos permanentemente vigilantes com relação à execução do nosso orçamento, inclusive do bloqueio orçamentário que ocorreu no primeiro semestre e que já estava inviabilizando o final do ano”, afirmou.

O governo Bolsonaro anunciou os cortes por decreto (11.216), assinado pelo Ministério da Economia, Paulo Guedes, e por Jair Bolsonaro. O texto prevê o corte de R$ 10,5 bilhões no Orçamento do Executivo, sendo cerca de R$ 3 bilhões do orçamento do Ministério da Educação (MEC), de acordo com a Instituição Financeira Independente (IFI) do Senado. Desse total, cerca de R$ 147 milhões foram cortados dos colégios federais e R$ 328 milhões deixariam de ir para as universidades.

Após repercussão negativa do bloqueio e consequente pressão de reitores e estudantes, o governo Bolsonaro foi forçado a desistir da decisão. Somado ao montante já cortado ao longo do ano, a Educação teria R$ 763 milhões retirados das universidades e mais de R$ 300 milhões das unidades de educação básica federais.

“Eu quero expressar a minha satisfação, mas antes de tudo, eu quero mandar os meus parabéns a todos e todas que durante essa semana se emprenharam para mostrar para toda a sociedade brasileira sobre a importância da educação superior e o seu caráter estratégico para o futuro do país. Parabenizar o conjunto de reitores e reitoras, congregados na Andifes, os reitores e reitoras das universidades federais, os reitores e reitoras dos institutos federais, da Conif; os estudantes, sobretudo pela UNE, mas em todos os lugares do Brasil; servidores técnicos e docentes. Quero também reconhecer o esforço do nosso Ministério da Educação, em buscar junto ao Ministério da Economia reverter o orçamento original da sua pasta”, disse o presidente da Andifes.

Essa é a segunda vez em quatro meses que o governo é forçado a recuar de um anúncio de corte na pasta após forte reação da sociedade. Em junho, o governo Bolsonaro já havia bloqueado R$ 3,2 bilhões, aproximadamente 14,5% do orçamento total. Na ocasião, levou uma semana para a União desbloquear metade desse valor, também após pressão de reitores, estudantes e parlamentares ligados ao setor.

Além da Educação, foram cortados R$ 1,7 bilhão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, R$ 1,6 bilhão da Saúde, R$ 1,5 bilhão do Desenvolvimento Regional e R$ 1,1 bilhão da Defesa. Na Educação, apenas os cortes referentes aos Decreto 11.216 foram estornados. Os cortes anteriores continuam a pesar sobre o orçamento das instituições de ensino.

Ricardo Stucert

Centrais definem apoio a Lula contra “o governo da miséria’

Dirigentes das centrais sindicais se reuniram na quinta-feira (6) e reiteraram o apoio à candidatura de Lula no segundo turno das eleições.

Em nota, as centrais afirmam que estão unidas com Lula, “em defesa dos empregos, direitos, salários e serviços públicos” e na luta para derrotar Bolsonaro, “o governo da fome, da miséria, da retirada de direitos e da violência”.

A nota, assinada pelos presidentes da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Força Sindical, CTB (Central dos Trabalhadores(as) do Brasil), UGT (União Geral dos Trabalhadores), CSB (Central dos Sindicatos Brasileiros), Nova Central Sindical de Trabalhadores, Central do Servidor e pela Coordenação da Intersindical Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora e a Secretária Geral da Intersindical Central da Classe Trabalhadora, afirma que “nesse segundo turno (30 de outubro) nos unimos para derrotar o atual governo e avançar por um Brasil com desenvolvimento econômico sustentável com justiça social e democracia”.

“O Brasil precisa se libertar de um governante que mente, que propaga a violência, que é desumano, que brinca com a dor e com a morte”, afirmam as lideranças.

Conforme o documento, “o atual mandatário é diretamente responsável por mais de 780 mil mortes pelo descaso da saúde, falta de vacina, retirada de direitos, aumento da fome, crescimento do desemprego e da miséria do País”.

E orientam os dirigentes sindicais, militantes e ativistas a se dedicarem “com prioridade absoluta no trabalho de base junto aos trabalhadores e às trabalhadoras”, e conclamam “a população trabalhadora a exercer o direito à cidadania e ao voto democrático, comprometido com a mudança de rumo do país, e denunciando o assédio eleitoral praticada por determinadas empresas”.

“Rumo à vitória do Brasil, nossa unidade é para mudar. Nosso voto muda o Brasil. Nosso voto é 13!”, reafirmam as centrais.

Com robôs no INSS, segurados não são atendidos e fila por pedido de recursos aumenta 32%

O uso de robôs para analisar requerimentos de pedidos de benefícios, implantado pelo governo Bolsonaro no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), fez com que a fila de pessoas que entram com recurso para tentar receber o benefício a que têm direito, indeferidos por erros da nova tecnologia que, naturalmente, não consegue julgar critérios subjetivos, cresceu 32% de maio até agosto.

De acordo com o Conselho de Recursos da Previdência Social, em maio, eram 607 mil processos em análise no INSS. Em agosto, esse número subiu para 800 mil. Portanto, a diminuição da fila de requerimentos, alardeada pelo governo, é artificial, já que o segurado sai de uma fila para entrar em outra.

O governo implantou a chamada “inteligência artificial” no INSS para tentar suprir déficit de mão de obra no órgão, que chega a 10 mil servidores, pois muitos se aposentaram e o Executivo não promoveu concurso público. A medida não resolveu a fila de quase 2 milhões de segurados que esperam para receber benefícios como auxílio-acidente, aposentadoria por invalidez, auxílio por incapacidade temporária (antigo auxílio-doença) e Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Conforme denúncia da Secretária-Geral do Sindicato dos Trabalhadores do Seguro Social e Previdência Social no Estado de São Paulo (SINSSP), Vilma Ramos, a questão é que sem a “visão do servidor” capaz de detectar a falta de um documento, ou particularidades como o direito à insalubridade, por exemplo, que deveriam ser juntados aos processos, o robô simplesmente nega o benefício, ou defere de forma incorreta, sem informar ao segurado os motivos da recusa ou erro, aumentando ainda mais a fila de espera do INSS.

“Robôs não fazem interação humana e não identificam que um pedido irregular pode ser por falta de algum documento, e não que o segurado não tinha direito ao benefício”, diz a sindicalista.

“O gargalo do INSS está nos benefícios assistenciais. No caso desses indeferimentos automáticos, os benefícios que estão sendo mais prejudicados são esses, das pessoas que mais necessitam”. Segundo ela, são os que estão esperando na fila por mais tempo e acabam sendo o alvo da ação da inteligência artificial.

Ela explica, dando o exemplo de um segurado que pede o BPC/Loas (Benefício de Prestação Continuada, da Lei Orgânica de Assistência Social), por exemplo. “Um dos requisitos básicos para ter o BPC é estar cadastrado no CadÚnico (Cadastro Único) do governo federal e, se o usuário não estiver, o robô identifica e já nega, sem que seja dada essa orientação ao segurado”. Segundo ela, a negativa pode ser indevida, já que não houve análise de um servidor para o caso.

A grande “inovação”, alardeada pelo governo como modernidade, na verdade é uma maldade com parte da população mais necessitada, como é o caso da maioria dos usuários do INSS: pessoas simples, pobres, idosos ou com problemas de saúde.

HP CHARGE DO ÉTON

Reprodução/Twitter

Pai denuncia escola por levar alunos à campanha de Bolsonaro sem autorização

O pai de um estudante de uma escola particular do Distrito Federal denunciou a instituição por levar, sem autorização, sua filha a um evento da campanha de Bolsonaro.

Em Boletim de Ocorrência na Delegacia da Criança e do Adolescente, em Taguatinga (DF), o músico Admilson Paiva afirmou que a escola onde a filha estuda levou os alunos, menores de idade, a um evento de campanha sem o consentimento dos pais, informando que seria um passeio por pontos turísticos de Brasília, para uma gravação de um vídeo para a Copa do Mundo.

De acordo com informações do G1, a escola enviou aos pais um pedido de autorização para gravação de um videoclipe em que estava escrito “contagem regressiva” para o torneio de futebol e recomendou que as crianças estivessem na instituição às 7h30, vestidas com a camiseta do Brasil ou uniforme e que levassem lanche reforçado.

O vídeo da atividade foi divulgado nas redes sociais por Fábio Wajngarten, coordenador de comunicação da campanha do candidato, e mostra Bolsonaro ao lado das crianças, muitas com camisas na cor verde e amarela, no Palácio do Alvorada, cantando a música “Mostra tua força Brasil”.

Admilson comentou no post de Wajngarten pedindo a exclusão do vídeo das redes sociais, mas não obteve resposta até o momento. “Minha filha vai fazer 10 anos agora. Nunca teve rede social. Sempre tentamos preservá-la. Agora, me sinto de mãos atadas, porque não consigo resolver essa situação. As imagens já reverberaram mundialmente”, acrescentou o músico.

“Não queremos tratar de política nesse caso. Não é porque é o Bolsonaro ou o Lula. A questão é que eu preciso saber onde a minha filha vai. Não gostei de vê-la exposta nacionalmente e mundialmente agora”, afirmou Paiva.

Tass

Putin e Zyuganov em encontro no Kremlin

Líder comunista Zyuganov: confronto atual da Rússia é com o 4º Reich da Otan

Na sessão da Duma [parlamento] que aprovou por unanimidade a incorporação do Donbass, Zaporozhia e Kherson à Rússia, o líder comunista Gennady Zyuganov saudou "o passo excepcionalmente importante na restauração do Estado russo, ou melhor, da soberania", chamou todos a "cumprir as orientações que o presidente Putin formulou em discurso no Kremlin" e advertiu que o confronto atual da Rússia é com "o Quarto Reich da Otan".

"Devemos estar cientes de que um novo exército se reuniu contra nós. O Quarto Reich da Otan, no qual trinta países uniram todos os seus regimentos e exércitos", disse Zyuganov na segunda-feira (3) na Duma, comparando a aliança bélica a soldo de Washington à Alemanha nazista.

"Parece-me que finalmente percebemos que nossa salvação, antes de tudo, está na unidade do mundo russo", sublinhou Zyuganov. Ele relembrou suas obras sobre esse tema, em que buscava convencer as autoridades de que "era impossível avançar sem uma profunda compreensão de que atingimos o ápice do desenvolvimento de nosso Estado precisamente quando combinamos a ideia russa com o patriotismo soviético e o ideal socialista".

"O país soviético em 1991 sofreu uma catástrofe geopolítica. Sou testemunha viva de como todas as armas russofóbicas e antissoviéticas foram usadas para atingir as estruturas de nossa grande potência, do Partido Comunista ao Exército Soviético".

A chave mestra para eles foi a "perestroika", "glasnost" e "democracia", acrescentou. "Como resultado, um grande país foi cortado em pedaços. E, como disse o presidente, eles foram dilacerados vivos, conduzidos sob a bandeira americana Stars and Stripes".

BRINDE DE STALIN AO POVO RUSSO

Gogol – destacou o líder comunista russo – disse que "mesmo que os russos tivessem apenas uma fazenda, eles ainda restaurariam seu estado e sua soberania". "Não é por acaso que depois da Vitória, na lendária recepção no Kremlin, Stalin proclamou o primeiro brinde ao povo russo. O marechal das forças blindadas Rybalko então perguntou: 'Camarada Stalin, você é georgiano, mas entende tão profundamente o caráter russo'. E Stalin respondeu: 'Sou um russo de origem georgiana'".

Zyuganov lembrou que, Juntamente com Ivan Khristoforovich Bagramyan, acendera a Chama Eterna perto do monumento aos heróis de tanques no centro de Orel, a cidade dos primeiros fogos de artifício. "Deixe-me lembrá-lo: durante a batalha Oryol-Kursk, cerca de onze mil dos melhores filhos e filhas de nossa Pátria pereceram todos os dias. E ele me disse: "Ah, você sabe, Gennady, qual era a primeira pergunta que fazia às companhias em marcha que chegavam para reabastecer as unidades desativadas: quantos russos há na unidade?". Fiquei surpreso e ele explicou: "Se não houvesse mais de 50% dos russos, a unidade militar acabava sendo incapaz de combater. Ficava privada de um ombro comum, de uma vontade comum e, consequentemente, de uma vitória comum. E enviei essas companhias para reorganização".

Aqui mesmo, na Sala das Colunas, – rememorou Zyuganov – realizamos um congresso de deputados de todos os níveis. E Patimat Gamzatova se apresentou lá. Ainda posso ouvir a voz dela. Ela era uma mulher encantadora e inteligente. E então ela disse: "Russos, acordem, porque o país está sendo arrancado de seus pés! Estamos todos perdidos sem vocês!"

"Hoje entendemos muito bem que a causa do mundo russo é, antes de tudo, a proteção de todos os 190 povos e nacionalidades. Todos aqueles que os russos reuniram sob sua bandeira por mais de mil anos, sem destruir uma única fé, uma única língua, sem humilhar uma única cultura e uma única tradição. Esse entendimento, na minha opinião, é amplamente assegurado pelo nosso trabalho conjunto", afirmou.

LUTA ENTRE A LUZ E AS TREVAS

O líder comunista russo se referenciou no histórico discurso de Putin no Kremlin horas antes da votação na Duma. "Diferia de seus outros discursos por uma série de ideias fundamentais. Pela primeira vez, o chefe de Estado delineou tão duramente a verdade da história, relacionada tanto com nosso Estado quanto com o ataque de todos os inimigos que caíram sobre nós. Ele descreveu em detalhes e conclusivamente este ataque dos anglo-saxões".

"Se antes eles vieram para nos conquistar, para dividir nossa terra, agora a tarefa foi definida para destruir completamente a língua russa, a cultura russa, as tradições russas, nossa amizade, nossos laços históricos". Ou seja, a luta é entre a luz e as trevas.

"Estamos lutando por um futuro melhor. E a Rússia está atrás de nós. Como soou durante a Grande Guerra Patriótica: 'Moscou está atrás de nós! Não há mais para onde ir!'", destacou Zyuganov.

QUARTO REICH DA OTAN

"Mas devemos entender claramente que hoje um novo exército de destruidores se reuniu contra nós. Este é o Quarto Reich da OTAN, no qual trinta países uniram suas tropas", assinalou o líder comunista. "E eles atacaram nossa irmandade eslava, Ridna Ucrânia, transformando-a em uma base militar, em um trampolim para suas provocações sangrentas", denunciou.

Dizendo-se alegre mas ao mesmo tempo muito ansioso, Zyuganov reiterou que "guerra é coisa séria". "Detonamos a Primeira Guerra oligárquica, czarista e burguesa com um estrondo. Mas as mesmas pessoas que sobreviveram à derrota naquela guerra, no ano 1945, sob a Bandeira Vermelha de outubro, conquistaram a Grande Vitória". E – acrescentou – "a guerra atual só pode ser vencida considerando-se que ela é uma libertação nacional patriótica, popular. Esta é uma guerra anticolonial, todos devem entender. É uma questão de princípio".

Zyuganov chamou a "mobilizar todas as forças e recursos para garantir a vitória" e pediu que a estrutura de gestão fosse "melhorada". "Somos obrigados a estudar a experiência da Grande Guerra Patriótica", aconselhou.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Putin condena o "ataque terrorista" da Ucrânia contra ponte da Crimeia

AFP

Serviço ferroviário da ponte já se encontra em pleno funcionamento

"Ataque à ponte que liga Crimeia ao território terrestre da Rússia, foi ordenado, planejado e realizado pelos serviços especiais da Ucrânia", afirmou o presidente russo, Vladimir Putin

"O ataque à ponte de 19 km que liga a península da Crimeia ao território terrestre da Rússia, atingida por uma grande explosão na manhã de sábado (8), foi ordenado, planejado e realizado pelos serviços especiais da Ucrânia", afirmou o presidente russo, Vladimir Putin, na noite do domingo (9).

"Este foi um ataque terrorista destinado a destruir a infraestrutura civil crítica da Federação da Rússia. Os serviços especiais ucranianos foram os autores, perpetradores e clientes", assinalou Putin, falando em uma reunião com o chefe do Comitê de Investigação russo, Alexander Bastrykin.

O investigador-chefe informou a Putin que os serviços especiais ucranianos receberam assistência de cidadãos russos ligados a estrangeiros na preparação do ataque.

"Continuamos nossa investigação sobre as metas e objetivos deste bombardeio. Sem dúvida, carrega um caráter terrorista. Este foi um ato de terrorismo. Todos os nossos dados nos permitem tirar uma conclusão inequívoca — este foi um ataque preparado pelo serviço especial ucraniano. O propósito deste ataque terrorista era destruir uma grande parte da infraestrutura civil que tem grande importância para a Rússia", ressaltou Bastrykin.

"Muitas testemunhas foram interrogadas, estudos especiais especializados foram iniciados e, em sua maioria, concluídos, entre eles exames de explosivos, genéticos e forenses", acrescentou o funcionário.

Os investigadores também encarregaram o Ministério do Interior da Rússia e à agência de inteligência russa, o Serviço Federal de Segurança (FSB), de ealizar outras operações de investigação e busca.

Bastrykin detalhou que a rota do caminhão que explodiu na ponte foi estabelecida e inclui Bulgária, Geórgia, Armênia e as regiões russas da Ossétia do Norte e Krasnodar.

O Comitê Nacional Antiterrorista da Rússia registrou no sábado que uma seção da rodovia na ponte da Crimeia foi destruída depois que um caminhão explodiu às 06h07 (horário local), com vários tanques de combustível atingindo um trem que viajava ao longo da parte ferroviária próxima da ponte pegando fogo. Duas seções da estrada viária sofreram um colapso parcial, mas os arcos da ponte não sofreram danos.

As autoridades russas anunciaram uma série de medidas para reparar os danos e garantir a estabilidade das ligações de transporte entre a Crimeia e o território de Krasnodar. Putin assinou um decreto na noite de sábado para reforçar a segurança de transporte que atravessa o estreito de Kerch, bem como a infraestrutura de eletricidade e energia na área.

Poucas horas após o incidente, que causou o fechamento parcial da ponte da Crimeia, as autoridades russas garantiram que o serviço ferroviário já foi totalmente retomado, pelo qual todos os trens programados já estão circulando.

A News

"Paz na Europa só é possível com a participação da Rússia", afirma Merkel

A paz duradoura e sustentável na Europa só poderá ser alcançada com a "participação da Rússia", afirmou a ex-chanceler alemã Angela Merkel na noite de quinta-feira (6).

Ela se insurgiu contra a política de Guerra Fria fomentada por Washington tendo a Rússia como alvo: "Enquanto não tivermos realmente alcançado isso, a Guerra Fria não acabou de verdade".

Na cerimônia de 77º aniversário do jornal Suddeutsche Zeitung, em Munique, a líder alemã que já ocupou o cargo de presidente do G8, grupo anteriormente formado por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia, reiterou seu pedido para que os demais países levem as preocupações russas com segurança "a sério".

Wolfgang Borrs/NDR

Merkel defende participação da Rússia na busca da paz

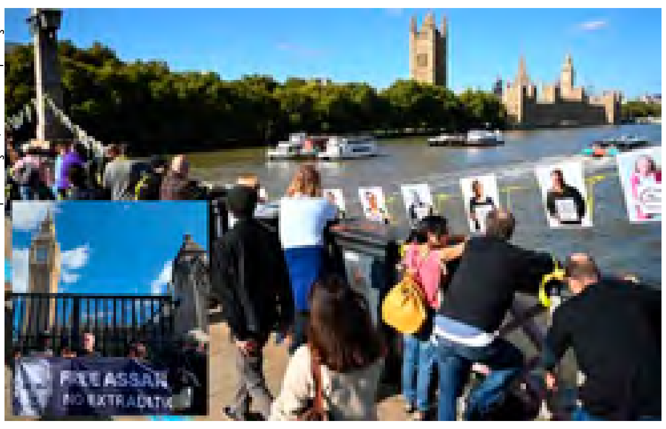
Merkel já vinha apontando para a necessidade de trabalhar conjuntamente entre todos e, posteriormente, construir na arquitetura da segurança pan-europeia com o envolvimento da Rússia.

Apesar da Alemanha ter inicialmente buscado frear a assistência militar à Ucrânia, o país acabou cedendo e aderindo ao boicote promovido pela União Europeia à Rússia. O conjunto de sanções acabou funcionando como um bumerangue que retorna na forma de preços estratosféricos dos combustíveis e ameaçando o país com a desindustrialização e estagflação (inflação em meio à estagnação econômica).

Milhares cercam parlamento britânico pela imediata libertação do jornalista Assange

Com as palavras de ordem "Libertem Julian Assange!" e "Jornalismo não é crime!", milhares de pessoas formaram uma corrente humana e cercaram este sábado o Parlamento britânico, em Londres, em apoio ao fundador do WikiLeaks, ameaçado de ser extraditado para os Estados Unidos por 17 acusações relacionadas a supostas violações da lei de espionagem norte-americana.

Reprodução/fotocomposição



Extenso apoio ao fundador do WikiLeaks tomou Londres

"Julian enfrenta uma possível sentença de 175 anos nos Estados Unidos por seu trabalho como jornalista, por receber informações de uma fonte e publicá-las, algo que era de interesse público", afirmou a esposa de Assange, Estella Moris, uma advogada de direitos humanos. Ao lado de um dos filhos do casal, Estella ressaltou que foram trazidos à tona "crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão, a revelação da morte de dezenas de milhares de civis, algo que não havia sido reconhecido antes".

O objetivo do marido foi unicamente trazer à tona verdades por longos anos encobertas pela mentira oficial, enfatizou a advogada, e é por isso que o jornalista australiano foi jogado na prisão de segurança máxima de Belmarsh, a mais dura do Reino Unido, sem ter cometido qualquer crime neste país.

Para Estella, Assange – atualmente com 51 anos – cumpriu unicamente seu dever ético e profissional de jornalista quando denunciou através do WikiLeaks crimes de tamanha perversidade e gravidade.

Como assegurou a advogada, tudo não passa de uma perseguição política, uma injustiça monumental contra alguém que está sendo perseguido por autoridades que tentam manipular o poder do Estado para puni-lo por ter feito a coisa certa.

Após viver sete anos na embaixada equatoriana em Londres, onde se encontrava como refugiado político desde 2012, Assange foi entregue em abril de 2019 pelo então servil presidente Moreno nas mãos da política britânica, sendo imediatamente trancafiado e mantido incomunicável. Desde então espera que a justiça britânica se pronuncie sobre o recurso interposto por seus advogados contra a ordem de extradição emitida em julho.

De acordo com o ex-líder do Partido Trabalhista e deputado Jeremy Corbyn, um dos inúmeros "elos" da extensa corrente, a eventual extradição do jornalista do WikiLeaks equivaleria a uma sentença de morte. Corbyn reiterou que é preciso que os governos dos EUA e do Reino Unido ouçam o presidente mexicano Manuel López Obrador, que recentemente pediu a libertação de Assange e lhe ofereceu asilo em seu país.

Além de Londres, manifestantes e personalidades que rejeitam a prisão e a possível extradição se reuniram em várias cidades pelo mundo afora para expressar sua solidariedade.

Entre outros países, Alemanha, África do Sul, Austrália, Brasil, Bruxelas, Canadá, Escócia, Itália e México promoveram protestos contra a perseguição e em manifestações de apoio ao jornalista do WikiLeaks.

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), somada a diversas entidades, foi na sexta-feira (7) até o Consulado do Reino Unido no Rio de Janeiro protocolar uma carta em defesa da não extradição de Julian Assange e pela sua libertação.

Conforme o texto assinado por mais de 76 entidades dos movimentos sociais reunidas na Assembleia Internacional dos Povos, "a perseguição e a prisão de Assange não visam apenas a silenciar seu trabalho, mas também a atacar o jornalismo e todas e todos que levantam a voz para espalhar a verdade contra a violência, as guerras e as tentativas de dominação por parte dos países imperialistas".

A jornalista Camilla Shaw, da ABI, informou à Sputnik Brasil que o consulado britânico simplesmente se recusou a receber o documento, que faz parte de um ato internacional de solidariedade ao jornalista do WikiLeaks.

O Parlamento em Wellington, na Nova Zelândia, também recebeu um "abraço coletivo", com manifestantes saindo em passeata até a embaixada do Reino Unido e, de lá, marchou rumo à embaixada estadunidense.

"A decisão do Ministro do Interior do Reino Unido de permitir a extradição de Julian Assange foi vingativa e um verdadeiro golpe para a liberdade da mídia", condenou a presidente da Federação Internacional de Jornalistas, Dominique Pradalié.

Premiê belga alerta: submissão a Washington leva ao desmonte do parque industrial europeu

O primeiro ministro da Bélgica, Alexander de Croo, somou-se às vozes que alertam sobre o desmantelamento do tecido industrial da Europa por conta da crise energética derivada das sanções contra a Rússia impostas pela União Europeia a mando dos Estados Unidos.

"Corremos o risco de uma desindustrialização maciça do continente europeu e as consequências em longo prazo podem ser realmente muito profundas", afirmou De Croo em entrevista à imprensa britânica, nesta quinta-feira.

O chefe de governo belga alertou que a população dos países da União Europeia está recebendo "contas completamente loucas" e protestos sociais estão eclodindo e podem se acentuar ainda mais.

De Croo informou algumas medidas para amenizar a situação, entre elas que nos edifícios públicos o aquecimento e o ar condicionado serão programados a 19 graus e 27 graus, respectivamente, enquanto as luzes neles e a iluminação de monumentos serão desligadas entre as 19h00 e as 6h00 de cada dia.

Salientou que serão aplicados impostos adicionais para as empresas que obtiverem lucros excessivos na crise energética e explicou que este recurso será utilizado para ajudar os cidadãos com um fundo de solidariedade.

"O governo solicitou que as usinas nucleares Tihange 2 e Doel 3 permaneçam a plena carga até 31 de março de 2023", disse.

Na Bélgica, existem 7 reatores na central nuclear de Doel, perto da fronteira holandesa, e 3 na central nuclear de Tihange, perto da fronteira alemã-luxemburguesa. A eletricidade gerada por esses reatores normalmente atende cerca de metade das necessidades do país.

Anteriormente, o reator Doel 3 estava programado para desligar em setembro último e o reator Tihange 2 em fevereiro de 2023 por que já estão em funcionamento há mais de 40 anos e existe uma legislação sobre a questão.

Com a decisão final, serão realizados trabalhos para estender o período de operação desses reatores.

EUA SE BENEFICIA

Essa situação não está só atingindo a Bélgica. "Perante as dificuldades de abastecimento de energia, vários países europeus foram obrigados a recorrer ao carvão ou a prolongar a vida útil de algumas usinas nucleares. Tudo isto os afasta de atingirem os objetivos energéticos previamente anunciados pela Europa", assinalou Wang Shuo, professor da Escola de Relações Internacionais da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, ao Global Times.

"À medida que a crise na Ucrânia se arrasta e a UE impõe sanções à Rússia, a Europa enfrenta a perspectiva sombria da desindustrialização. Os especialistas seguem sem ver forma eficaz de resolver o problema da escassez de energia, sem a qual o desenvolvimento da produção industrial é quase impossível", acrescentou.

Segundo Wang, se a economia alemã, considerada o motor de toda a economia europeia, está se afundando ainda mais e se seu modelo econômico orientado para as exportações está sofrendo, isso afetará negativamente toda a economia da Zona do Euro.

Além disso, se a desindustrialização da Europa se tornar uma realidade, os Estados Unidos podem tentar se beneficiar, uma vez que as empresas europeias que saem do continente poderão, sem dúvida, beneficiar os Estados Unidos, resumiu o colunista.

Nobel da Paz 2022 premia apoiadores da guerra da Otan

O Comitê Nobel da Noruega anunciou em Oslo, na sexta-feira (7), que os vencedores do Prêmio Nobel da Paz deste ano são "a organização russa de direitos humanos Memorial, o ativista bielorrusso Ales Belyatsky e o Center For Civil Liberties ucraniano", por supostamente "representarem a sociedade civil" de seus países, e fazerem campanha "pelo direito de criticar" os poderosos. Em suma, o Comitê Nobel se alistou no esforço de guerra da OTAN contra a Rússia, em curso.

E não foi por falta de opções: o denunciador dos crimes imperialistas no Iraque e Afeganistão e da tortura em Guantánamo, o jornalista Julian Assange, está à beira de ser extraditado para os EUA e condenado a 175 anos de cárcere ou coisa pior, à revelia das leis internacionais e da liberdade de expressão, e sob ameaça de perder a vida. Aliás, há mais de três anos o mais conhecido preso político do planeta, depois de ter sido perseguido pelos EUA por uma década e inclusive ameaçado de ser morto por ataque com drone.

Outro denunciador, Edward Snowden, que expôs a vigilância em massa global cometida pelo braço digital da CIA, o NSA, sobre tudo e todos, inclusive chefes de Estado de outros países, precisou pedir a cidadania russa, para escapar do cárcere em regime de solitária por muitos e muitos anos em um presídio de segurança máxima dos EUA.

Se não os combatentes de fato pela liberdade e a verdade, como Assange e Snowden, não faltavam entidades e organizações que se hajam destacado recentemente, no bom combate.

Como por exemplo, o movimento norte-americano Black Lives Matter, que expôs o racismo sistêmico nos EUA, o joelho que persiste em asfixiar milhões de afrodescendentes e que impede que a sociedade norte-americana se torne menos excludente e menos injusta.

A escolha de três organizações da ex-União Soviética, histórica e civilizacionalmente parte do mundo russo, por si só expressam o desejo de apoiar o regime de Kiev, de conhecidas raízes banderistas-hitleristas, usado como carne de canhão pelo – como chamou que o líder comunista russo, Gennady Zyuganov – "Quarto Reich da OTAN".

'Memorial' não é exatamente uma "organização russa de direitos humanos", mas uma organização criada no período 'áureo' do desgoverno Yeltsin, para disseminar o anticomunismo e caluniar o sistema soviético a pretexto de exaltar "as vítimas de Stalin" – enquanto o povo russo era achacado pelo choque neoliberal que devastou o país, assaltou o patrimônio público, reintroduziu a fome e a miséria, e até redução na expectativa de vida causou.

Mais recentemente, Memorial havia sido considerada por um tribunal russo como "agente estrangeiro" – por receber financiamento de órgãos de governos estrangeiros e de notórios magnatas norte-americanos. Em 2021, foi dissolvida por decisão da Suprema Corte russa e suas instalações foram fechadas, depois de classificada como extremista pelo colaboracionismo com a onda russofóbica desencadeada desde os centros neocoloniais de Washington e Bruxelas.

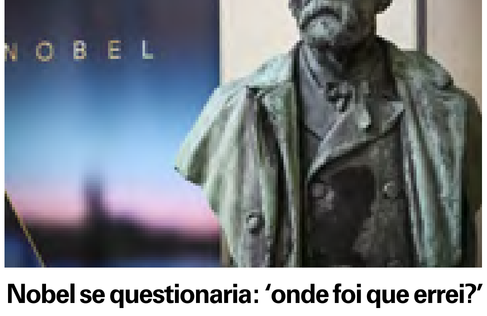
Outro – como diria Mr. Reagan, 'freedom fighter' -, Ales Belyatsky, foi preso no ano passado por evasão fiscal na Bielorrússia e sua fachada de atuação, Wesna (Primavera), teve seu credenciamento estatal cassado.

Outra organização que mereceu os afagos do Comitê Nobel foi o assim chamado Center for Civil Liberties ucraniano, que foi fundado em 2007 – o ano em que o presidente Putin proferiu na Conferência de Segurança do Munique o seu famoso discurso denunciando o avanço da OTAN até às portas da Rússia e o mundo unipolar sob Washington.

Em seu site, o Center for Civil Liberties nomeia a Open Society Foundation de George Soros, a Comissão Europeia e o Departamento de Estado dos EUA como seus financiadores.

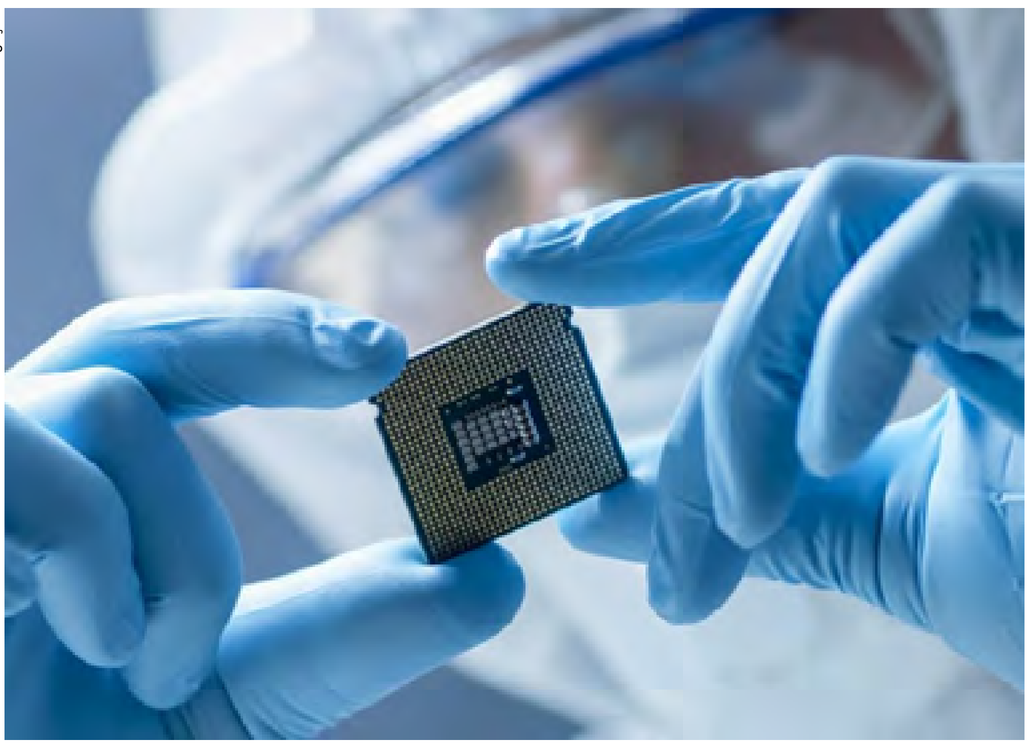
Considerando que, no ano passado, foi o editor-chefe do Novaya Gazeta (o jornal de Gorbachov!), Dmitri Muratov, que foi aquinhoado com o Nobel da Paz, parece que o Comitê Nobel está alistado no esforço de guerra da OTAN há mais tempo. Segundo o Comitê, Muratov defendeu a "liberdade de expressão" (E Assange, não?)

Este ano, as casas de apostas londrinas incluíram o presidente Zelenskiy e o jornal Kiev Independent entre os favoritos – quem sabe, talvez no próximo ano. O prêmio é de dez milhões de coroas suecas (cerca de 980.000 euros). Tradicionalmente, a premiação é entregue em 10 de dezembro, aniversário da morte do fundador Alfred Nobel. Originalmente, o Nobel da Paz teria como agraciado "aquele que mais ou melhor trabalhou para a fraternidade dos povos, a abolição ou redução de exércitos permanentes e a realização ou promoção de congressos de paz."



Nobel se questionaria: 'onde foi que errei?'

Comendo poeira, EUA abrem guerra ilegal à indústria de chips da China



Divulgação

Sanções unilaterais dos EUA não puderam barrar ascensão tecnológica da China

"A politização e armamento de questões de tecnologia e comércio pelos EUA não impedirão o desenvolvimento tecnológico da China mas, sim, sairão pela culatra", afirmou a porta-voz da chancelaria chinesa, Mao Ning

O governo dos EUA divulgou na sexta-feira (7) um conjunto de controles de exportação de tecnologia, incluindo o que disse ser a proibição "mais dura" do acesso de certos chips semicondutores fabricados em qualquer lugar do mundo com equipamentos dos EUA para a China.

Embora a série de medidas seja amplamente considerada como a maior mudança na política dos EUA em relação ao envio de tecnologia para a China desde a década de 1990, observadores do mercado chinês e especialistas do setor disseram que a medida demonstrou ainda mais que a campanha de repressão de vários anos dos EUA contra o setor de tecnologia da China não conseguiu atingir seu objetivo de estrangular a ascensão científica e tecnológica da China.

"A politização, instrumentalização e armamento de questões de tecnologia e comércio pelos EUA não impedirão o desenvolvimento da China, mas sim sairão pela culatra", afirmou a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Mao Ning, no sábado (8).

"Os Estados Unidos abusaram das medidas de controle de exportação para bloquear e suprimir maliciosamente as empresas chinesas pela necessidade de manter a hegemonia tecnológica. Essa prática não apenas prejudica os direitos e interesses legítimos das empresas chinesas, mas também prejudica as empresas norte-americanas", acrescentou Mao Ning.

Além disso, a medida, embora destinada a cortar ainda mais a China de certos chips mais sofisticados, prejudicará multinacionais de todo o mundo, incluindo gigantes de chips nos EUA, que se beneficiaram muito do vasto mercado chinês, observaram especialistas, alertando que as interrupções causadas pelos EUA podem travar o desenvolvimento da indústria global de chips por anos.

Em conversa com repórteres na quinta-feira, véspera das novas medidas unilaterais de Washington, altos funcionários do governo disseram que muitas das medidas visam impedir que empresas estrangeiras vendam chips avançados para a China ou forneçam às empresas chinesas ferramentas para fazer seus próprios chips avançados. Eles admitiram, no entanto, que não haviam garantido nenhuma promessa de que nações aliadas implementariam medidas semelhantes e que as discussões com essas nações estão em andamento.

"Reconhecemos que os controles unilaterais que estamos implementando perderão eficácia com o tempo se outros países não se juntarem a nós", disse uma autoridade. "E corremos o risco de prejudicar a liderança tecnológica dos EUA se os concorrentes estrangeiros não estiverem sujeitos a controles semelhantes".

DANOS GLOBAIS

Se as novas medidas forem rigorosamente implementadas, isso poderá colocar em risco até 30% da receita total de alguns gigantes da indústria de chips dos EUA e do mundo, porque o comércio com a China representa um terço de sua receita total, alertou Han Xiaomin, gerente geral da Jiwei Insights em Pequim.

Também na sexta-feira, os EUA adicionaram a YMTC, maior fabricante de chips de memória da China, e 30 outras entidades chinesas à chamada lista comercial "não verificada".

"Desde o governo Trump, os EUA nunca desistiram de reprimir a indústria de chips da China, mas a crescente repressão mostra que a campanha anterior não funcionou", disse Ma Jihua, analista veterano da indústria de telecomunicações, ao Global Times no sábado.

"O governo Biden está bem ciente de que o efeito marginal da repressão aos chips fica menor, mas não tem opções melhores", acrescentou Ma. "A resistência está ficando maior e sua disposição está diminuindo", disse.

"É extremamente difícil para o governo Biden cortar as cadeias industriais e de suprimentos globais de chips e excluir a China com apenas um punhado de medidas políticas", constatou Fu Liang, analista de tecnologia independente.

Ele advertiu que o movimento dos EUA prejudicará os interesses de muitos países envolvidos e pode acabar enfraquecendo sua própria posição de liderança no cenário internacional de tecnologia e excluindo-se das cadeias industriais e de suprimentos globais.

"Por considerações de seus próprios interesses, as empresas de tecnologia em todo o mundo podem não seguir completamente as políticas dos EUA", observou Fu, mostrando que os fornecedores estrangeiros estão preocupados que as restrições de exportação de chips dos EUA possam reduzir diretamente seus lucros com o maior consumidor de chips do mundo, e que a rápida substituição doméstica da China significará que não haverá mais pedidos para eles.

Um exemplo citado por observadores do mercado é a mudança de atitude dos aliados dos EUA em relação à chamada aliança Chip 4. Enquanto grandes produtores de chips, como Coreia do Sul e Japão, inicialmente mostraram uma atitude cooperativa em relação à mudança, eles lentamente passaram a ser cautelosos. Não houve nenhuma atualização importante sobre a aliança além de algumas reuniões.

À medida que o governo Biden intensifica seu esforço de dissociação de tecnologia, mais e mais empresas americanas e globais verão perdas crescentes. Por exemplo, depois que o governo dos EUA proibiu a empresa de semicondutores Nvidia de vender chips sofisticados para a China no final de agosto, a empresa estimou que pode perder aproximadamente US$ 400 milhões em vendas potenciais para a China no terceiro trimestre e pressionou ativamente com o governo dos EUA na busca de isenções.

As empresas globais de chips já estão começando a considerar maneiras de superar o impacto dos novos controles de exportação dos EUA.

"A SK Hynix está preparada para fazer o possível para obter uma licença do governo dos EUA e trabalhará em estreita colaboração com o governo sul-coreano para esse fim", disse a empresa em comunicado enviado ao Global Times no sábado. "Também estamos preparados para operar nossas fábricas na China sem problemas, sob a premissa de cumprir as regras internacionais", declarou.

O movimento dos EUA também causará o maior dano à sua própria Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). "Como custa um grande investimento financeiro e de recursos humanos em pesquisa e desenvolvimento de chips de ponta, as empresas americanas provavelmente não verão muito retorno sem as exportações de chips para a China e mal poderão reinvestir em pesquisa e desenvolvimento futuro", disse Gao Lingyun, especialista da Academia Chinesa de Ciências Sociais em Pequim.

Quanto à China, as medidas mais recentes dos EUA provavelmente não causarão qualquer impacto adicional significativo na indústria de chips chinesa, que resistiu à campanha de repressão de vários anos dos EUA e realmente viu um grande desenvolvimento nos últimos anos, notaram especialistas da área.

Várias empresas líderes de semicondutores na China, incluindo grandes produtores e fornecedores de componentes, relataram fortes resultados no primeiro semestre de 2022, apesar da repressão implacável dos EUA contra a indústria de chips da China.

Um desses produtores é o maior fabricante de chips da China, Semiconductor Manufacturing International Corp (SMIC), que registrou receita acima do esperado de US$ 1,903 bilhão no segundo trimestre deste ano, um aumento de 3,3% em relação ao trimestre anterior e de 41,6% no ano. A Bloomberg também informou em julho que a SMIC começou a enviar chips de 7 nanômetros.

OPEP ignora pressões dos EUA e corta a produção em 2 milhões de barris/dia

Enquanto a OPEP+ [OPEP mais Rússia] aprovava o corte de 2 milhões de barris diários de petróleo de uma só vez a partir de novembro em sua reunião em Viena, a União Europeia em Bruxelas insistia na estratégia de "tiro no pé", parida em Washington, e anunciou a oitava rodada de sanções antirrussas na quarta-feira (5), sanções que fizeram disparar o preço da energia e ameaçam congelar o velho continente no inverno.

Analistas consideraram "sem precedentes" a redução na produção da OPEP+. A decisão foi tomada por unanimidade, apesar de todas as pressões de Washington e Bruxelas. O que incluiu a viagem do presidente Joe Biden a Riad em julho para pedir ao príncipe coroado MBS um aumento da produção de petróleo saudita.

No contexto da decisão da OPEP+, o Brent já subiu acentuadamente, tendo subido de preço para US$ 92 por barril. Já há quem preveja valores de três dígitos. "Vamos trocar lucrativamente toda a produção em queda por preços mais altos", disse Fedor Naumov, da PFL Advisors, ao jornal Izvestia.

Recentemente, segundo fontes da CNN no governo norte-americano, a Casa Branca tentou persuadir os sauditas a limitar o corte a um milhão de barris por dia, em vão. Conforme The Hill, a OPEP + "lançou problemas" sobre o governo dos EUA pouco antes das eleições de meio de mandato. O que a Casa Branca considerou, segundo a CNN, um "desastre total" e um "ato hostil".

Apesar do porta-voz oficioso da City londrina, o Financial Times, asseverar que a decisão de aumentar os preços foi tomada por Riad para "enfurecer os Estados Unidos e ajudar a Rússia", o ministro da Energia dos Emirados Árabes Unidos, Suheil al-Mazrui, reiterou se tratar de uma "decisão técnica, não política".

No caso, a revisão para baixo das previsões de crescimento global para 2022 e para o próximo ano, de parte da OCDE e do FMI, inclusive com ameaça de uma recessão em um quadro de inflação galopante – uma reedição da "estagflação" experimentada na década de 1970. E, portanto, redução da demanda.

Outra motivação para a recusa às pressões de Washington é que o governo dos EUA vem vendendo petróleo da reserva estratégica norte-americana, medida que no essencial visa fazer baixar o combustível na véspera da eleição de novembro, mas que acaba se refletindo na cotação do petróleo.

Segundo Nikkei Ásia, quando o preço no mercado futuro do caiu para o patamar de US$ 76 o barril, isso se tornou inaceitável para os produtores árabes, cujo nível de preço para manter equilibrados seus orçamentos foi estimado em US$ 80 pela publicação.

O que gerou, segundo o Nikkei Ásia, "uma linha vermelha na areia", acrescentando que vários dos principais produtores estão investindo pesadamente no processo de descarbonização, o que requer agora elevados investimentos.

Nos meios políticos norte-americanos, a decisão da OPEP foi considerada um "ato hostil", o que foi contestado pelo ministro da Energia saudita, príncipe Abdulaziz bin Salman em entrevista em Viena. O senador norte-americano Chris Murphy ameaçou a Arábia Saudita com uma "ampla reavaliação da aliança dos EUA".

Por sua vez o ministro da Energia do Catar, Saad al Kabi, afirmou em entrevista à agência especializada Energy Intelligence que a Alemanha e a UE não poderão prescindir do gás russo a longo prazo, em resposta a uma pergunta.

"Não, eles terão que recorrer ao gás russo. Espero que haja um fim para esta crise em algum momento. Que haja mediação que tragam paz à Europa e espero que tragam de volta um pouco do gás russo para ajudar a Europa. Se você imaginar que nenhum gás russo chegará à Europa por mais de dois invernos, acho que será muito difícil", assinalou.

Al Kabi acrescentou que "não há solução rápida" para o problema de abastecimento da UE. Seria necessário "um grande esforço conjunto para desviar qualquer quantidade significativa de gás" para a UE.

Matéria completa em www.horadopovo.com.br

Ferroviários fazem greve no Reino Unido por ajuste salarial frente à inflação das sanções

A maior parte dos serviços de trem no Reino Unido foi suspensa neste sábado (8), após os trabalhadores ferroviários realizarem mais uma da série de greves por aumento salarial para acompanhar a inflação que está em mais de 10%, além de melhores condições de trabalho. A inflação recorde é puxada pelo aumento da energia causado pelas sanções contra a Rússia, impostas por Washington e apoiadas pelos governos europeus.

A greve atingiu o transporte ferroviário da Inglaterra, da Escócia e do País de Gales. (Carlos Jasso/AFP-CP)

A paralisação, que durou 24 horas, contou com a adesão de mais de 40 mil trabalhadores, entre eles faxineiros, sinalizadores, funcionários de manutenção e das estações.

Durante o verão, os protestos se multiplicaram. Transporte aéreo e marítimo, Amazon, call centers, advogados criminalistas e serviço de enfermagem, foram algumas das medidas de força com as quais a premiê Liz Truss tem lidado desde sua chegada ao governo.

Esta é é a segunda greve do mês nas ferrovias. No dia 1º de outubro, os quatro sindicatos do setor (Sindicato dos Transportes Ferroviários e Marítimos [RMT na sigla em inglês], Unite, Aslef e TSSA) organizaram um protesto e mobilização, mas as reivindicações apresentadas sequer foram avaliadas pela patronal.

O secretário-geral do RMT, Mick Lynch, pediu ao governo que mediasse entre sindicatos e empregadores para negociar um acordo. O sindicalista alertou a ministra dos Transportes, Anne Marie Trevelyan, em uma carta: "Você deve liberar os operadores ferroviários que, atualmente, recebem seu mandato diretamente de você".

O descontentamento no Reino Unido é crescente. O retrocesso de Liz Truss revelou a magnitude da crise quando ela teve que suspender um corte de impostos de 7 bilhões de libras para os super ricos, uma de suas promessas de campanha.

Esta paralisação segue a greve do Metrô organizada na sexta-feira (7) em Londres, que afetou várias linhas na capital britânica.

O RMT assegurou que essa medida de força [a greve] responde ao "impasse" em que se encontram as negociações com os empregadores, pelo que avisa que os protestos vão continuar.

Da mesma forma, denunciou o governo britânico por pressionar as empresas de transporte para que não ofereçam melhores condições de trabalho aos seus funcionários, provavelmente por que isso encorajaria a luta de outros setores da sociedade.

INFLAÇÃORECORDE

A inflação pode chegar a 20% no ano que vem", ressaltou Mick Lynch. "Sabemos que é difícil para o público, porém parar as greves será impossível aos trabalhadores. Enquanto isso, as empresas ferroviárias lucram, e pedem que renunciemos aos pedidos de aumento. É inaceitável", afirmou.

Leia mais no site do HP

“A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica”, por Ronaldo Carmona (3)

Continuação da edição anterior

As alterações no balanço de forças entre as potências, que definem um momento de transição, poderão resultar em distintas conformações em seu desfecho: um mundo multipolar, com vários polos de poder; uma nova potência ou ainda um novo bloco hegemônico; ou então, na reafirmação da posição hegemônica da potência dominante na maior parte do século XX, os Estados Unidos e seu bloco norte-atlântico. Em síntese, este é o grande jogo que se trava no mundo contemporâneo

RONALDO CARMONA

O somatório dos eventos recentes especifica não apenas fenômeno que estrutura o sistema interestatal – a ausência, em última instância, de uma governança global acima dos interesses das potências –, como vem explicitando a profunda crise da ordem liberal estruturada no pós-Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, aquela proclamada ao final da Guerra Fria – a ordem liberal eterna, que anunciou Fukuyama, como dito em 1989.

Em termos gerais, consideramos que a opção pelo multilateralismo por parte de países de grandes dimensões decorre de duas situações: a primeira, nos casos de posição hegemônica, como foi o caso dos Estados Unidos no pós-guerra, na busca deste por moldar um sistema de regras e valores que fortaleçam seu próprio poder nacional. A partir do momento em que se compreende que este mesmo sistema multilateral passa a ser disfuncional a seus objetivos de manutenção de hegemonia ou de supremacia no sistema de nações, “o criador volta-se contra a criatura”, como ocorreu muito claramente com os Estados Unidos na presidência de Donald Trump, em seu ativismo contra as instituições multilaterais.

A outra situação em que o multilateralismo interessa a uma grande potência é aquela na qual a correlação de forças no sistema internacional torne útil à sua ascensão a manutenção do status quo. É o caso, por exemplo, do comportamento da China na sua ascensão internacional recente, em que deixa de ser uma potência revisionista para ser uma defensora da ordem multilateral.

VULNERABILIDADES NAS CADEIAS GLOBAIS DE PRODUÇÃO E A INTENSIFICAÇÃO DA DISPUTA INTERESTATAL POR RECURSOS VITAIS OU ESCASSOS

Ao movimento de desindustrialização intensiva em áreas fabris nos países desenvolvidos – fruto de fenômeno estrutural relativo ao deslocamento produtivo para a Ásia, especialmente para a China, nas últimas quatro décadas –, os últimos 15 anos trouxeram uma série de encadeamentos disruptivos que deram curso a um movimento de desglobalização, ou, pelo menos, de reversão da hiperglobalização iniciada ao final da Guerra Fria, com a instauração da hegemonia das teses neoliberais no mundo.

Em especial, esse movimento apresentou-se em fenômenos como o Brexit e a eleição de Trump – produto direto da crise da financeirização de 2007/2008 – e, mais recentemente, pela forte vulnerabilidade representada pela exposição de variados países, sobretudo grandes potências, à Covid-19 e, nos últimos meses, aos efeitos da guerra na Ucrânia, como as crises energética e alimentar.

Em seu conjunto, esses fenômenos recentes impuseram a primazia do fator segurança nacional, que passa a ter preponderância sobre os custos de produção, que anteriormente determinaram, por exemplo, a organização das cadeias produtivas em escala global.

Há um reordenamento das cadeias globais de valor, de produção e de suprimento sendo operado em escala global, na qual, dada a primazia do fator segurança nacional, ações de onshoring (renacionalização), reshoring (repatriamento), nearshoring (produção em país próximo) ou friendshoring (compra de país amigo ou aliado) passam a estar no centro de estratégias nacionais.

O reordenamento das cadeias globais aliado às ações de guerra comercial – iniciadas por Trump e essencialmente mantidas por Biden – mais o recrudescimento das sanções à Rússia, fruto da guerra, vêm levando a uma crise de escassez e, como consequência, a um surto inflacionário no mundo, especialmente nos países desenvolvidos do G7.

A Guerra deflagrou problema de oferta, sobretudo em energia e alimentos, incluindo fertilizantes, que antes já havia se apresentado com a Covid-19, especialmente no que diz respeito à oferta de vacinas e equipamentos médicos, que explicitaram vulnerabilidades em questões absolutamente críticas à manutenção da soberania nacional por parte de muitos países, incluindo Brasil, Estados Unidos e países europeus como Grã-Bretanha, França e Alemanha, dentre outros.

A consequência tem sido a eclosão de um surto inflacionário global. Dentre os exemplos dramáticos, está o fato de que, em maio de 2022, registrou-se inflação anualizada de 9,1% no Reino Unido (com o Banco Central inglês projetando algo como 11% em outubro próximo) e, em junho último, os mesmos 9,1% foram registrados nos Estados Unidos.

Para combater o surto inflacionário, os Bancos Centrais deflagraram um movimento de elevação das taxas de juros e estão pressionados a elevá-las ainda mais, retroalimentando, por um lado, a carestia, agora com risco de recessão, a estagflação e desestabilizando as economias dos países em desenvolvimento, resultando que “Os títulos dos mercados emergentes estão sofrendo suas piores perdas em quase três décadas” (Wheatley 2022).

Diante de crise de oferta, surto inflacionário, aumento das taxas de juros e, portanto, carestia e risco de recessão, a consequência seguinte desse encadeamento é o “aumento da instabilidade política, econômica e social pelo mundo”, inclusive com queda de governos e, no limite, riscos de convulsões sociais. Recentemente, para falarmos de dois importantes países europeus, registrou-se a queda do governo de Boris Johnson no Reino Unido e de Mário Draghi na Itália, além da perda da maioria parlamentar do recém-reeleito presidente francês, Emmanuel Macron. Sob forte pressão política e econômica também se encontra o governo de Olaf Scholz na Alemanha e, cruzando o Atlântico, estão os ameaçadores efeitos políticos da conjuntura mundial nos Estados Unidos, onde possível derrota democrata na eleição de midterm em novembro poderia fragilizar ainda mais o governo de Joe Biden.

No horizonte, a crise explicita os limites do ativismo dos principais países do G7 no que denominam luta contra as autocracias – numa espécie de reedição das teses da Guerra Fria, agora das “democracias” contra os “tiranos”, em especial representados, na narrativa liberal norte-atlântica, pelos presidente russo, Vladimir Putin, e chinês, Xi Jinping.

Trata-se de uma narrativa que quiçá sirva à mobilização de setores das sociedades desses países, numa reedição de uma mentalidade de guerra fria, a qual, contudo, absolutamente, encontra dificuldades para se sustentar no great game geopolítico que se trava no mundo contemporâneo.

Crise energética. Daniel Yergin, tido como um dos maiores especialistas em geopolítica da energia no mundo e autor de best-sellers a respeito, dentre eles o recente The New Map (2020) – que tem como subtítulo Energia, clima e o clash das nações –, afirma que a crise energética em curso não apenas se iguala aos dois choques do petróleo dos anos 1970, como pode superá-lo, tamanha a dimensão do problema para a conjuntura mundial. Isto ocorre principalmente porque há uma crise de oferta bastante acentuada, que pressiona os preços do petróleo e do gás a cifras potencialmente inéditas.

O problema já vem de antes: pressionadas pela agenda da aceleração da transição energética, as majors (grandes petroleiras dos países desenvolvidos) se desengajaram da abertura de novas frentes exploratórias, reduziram seus planos de investimentos e, por consequência, viram uma diminuição de suas reservas. Some-se a isso o fato que, desde 24 de fevereiro, a Rússia, um dos maiores produtores de petróleo e gás do mundo – no primeiro caso, de cerca de 8% da produção mundial –, tem sido excluída do mercado internacional em razão das sanções e da meta de eliminação das importações por parte dos países do G7, especialmente os europeus, fortes dependentes desse fornecimento. Com a interrupção no fornecimento do gás russo à Europa, no momento em que redigimos este texto, não está resolvido o problema dos estoques para inverno europeu e nem mesmo para o funcionamento das plantas industriais. A Alemanha, por exemplo, fala em seu “momento Lehman Brothers” em função da crise de energia.

Num cenário absolutamente apocalíptico, fala-se em barril de petróleo a US$ 300 – como conjecturou, talvez com algum exagero, mas não tanto, o vice-primeiro ministro russo, Alexander Novak, em março último –, o que geraria um cenário de crise inimaginável. O fato é que um petróleo acima de US$ 150 é o cenário base de analistas do mercado de petróleo, o que tem enormes efeitos econômicos.

O principal deles é o recuo na transição energética. A questão climática passa a ser suplementada pelo fator segurança energética, componente determinante da segurança nacional. Ao Brasil, potência em energias renováveis, mas também já o sétimo exportador mundial de petróleo, segundo dados mais recentes do Ministério das Minas e Energia, essa é uma questão de grande importância, como veremos adiante.

Crise de alimentos. A guerra na Ucrânia começou por afetar este país que é o quarto maior produtor de trigo e o terceiro exportador de milho do mundo, neste caso responsável por 17% do mercado mundial. Já a Rússia, desde 2014, ultrapassou os Estados Unidos em volumes de exportações de trigo e se consolidou como o maior exportador global do produto. Juntas, Rússia e Ucrânia produzem 14% do trigo no mundo e fornecem 29% de todas as exportações do cereal. Trata-se também de grandes produtores e exportadores de fertilizantes: juntas, Belarus e Rússia respondem por 40% da produção de potássio, e a Rússia também é grande exportadora de fósforo e maior exportadora mundial de nitrogenados. Além disso, a Ucrânia também é relevante produtor e exportador de fertilizantes (CREDN 2022, Agência Safras 2022, Carregosa & Barros 2022).

Antes, a Covid-19 já havia evidenciado problemas de insegurança alimentar no mundo. Como observou a Unicef em comunicado, “O número de pessoas afetadas pela fome globalmente subiu para cerca de 828 milhões em 2021, um aumento de cerca de 46 milhões desde 2020 e 150 milhões desde 2019 (… segundo) a edição de 2022 do relatório The State of Food Security and Nutrition in the World” (Unicef 2022).

Segundo dados do final de maio, um total de 23 países, em decorrência da alta dos preços dos alimentos, restringiram a exportação de alimentos, número que se ampliou desde então. Com menos oferta, aumentam os preços, penalizando sobretudo países pobres dependentes da importação dos alimentos, caso de países localizados, por exemplo, em regiões de escassez hídrica. Segundo o Banco Mundial, a cada 1% de aumento no preço internacional dos alimentos, mais dez milhões de pessoas são empurradas para a pobreza (Estadão 2022).

A questão da soberania alimentar passa a estar no topo da agenda de muitos países, inclusive países desenvolvidos, os quais, nesse caso, seguem essa agenda a custas de pesados subsídios a seus agricultores, o que causa distorções agudas no sistema de comércio internacional. A Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia consome 1/3 de seu orçamento, sendo, em 2021, mais de 40 bilhões de euros em pagamentos diretos (Nègre 2022). A novidade mais recente, em função de preponderância do fator segurança alimentar como parte destacada da segurança nacional, é que governos europeus começam a manobrar para impor novas formas de protecionismo ancoradas agora na questão climática – na verdade, uma grande hipocrisia, enquanto ligam suas usinas a carvão para compensar restrições, fruto da crise energética.

Em síntese, a guerra na Ucrânia colocou no centro uma geopolítica dos recursos, especialmente no que diz respeito à questão energética e alimentar, em especial novas ações de natureza protecionista. Trata-se de questões de grande interesse do Brasil, uma potência energética e alimentar.

UM NOVO CENÁRIO GEOESTRATÉGICO E DE SEGURANÇA INTERNACIONAL EM CONFORMAÇÃO

As alterações no balanço de forças entre as potências, que definem um momento de transição, poderão resultar em distintas conformações em seu desfecho: um mundo multipolar, com vários polos de poder; uma nova potência ou ainda um novo bloco hegemônico; ou então, na reafirmação da posição hegemônica da potência dominante na maior parte do século XX, os Estados Unidos e seu bloco norte-atlântico. Em síntese, este é o grande jogo que se trava no mundo contemporâneo. A guerra na Ucrânia, pelas razões até aqui ressaltadas, deve ser lida como episódio que ocorre e é parte dessas incertezas quanto à resultante das alterações sistêmicas no balanço de forças entre as principais potências.

Continua na próxima edição